

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS



Dissertação

**PRODUÇÃO DE SENTIDO E VISUALIDADES: POSSIBILIDADES DA ARTE NO
COTIDIANO ESCOLAR**

Luciana Cozza Rodrigues

Pelotas, 2018

Luciana Cozza Rodrigues

**PRODUÇÃO DE SENTIDO E VISUALIDADES: POSSIBILIDADES DA ARTE NO
COTIDIANO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Artes Visuais
da Universidade Federal de Pelotas
para obtenção do título de mestre
em Artes Visuais.

Orientação: Profa. Dra. Mirela Ribeiro Meira

Pelotas, 2018

Luciana Cozza Rodrigues

PRODUÇÃO DE SENTIDO E VISUALIDADES: POSSIBILIDADES DA ARTE NO
COTIDIANO ESCOLAR

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 19/06/2018

Banca examinadora:

Prof. Dr. Mirela Meira (Orientador)
Doutora em Educação-PPGEDU/FACED pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Claudio Tarouco Azevedo
Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande

Prof. Dr. Maristani Polidori Zamperetti
Doutor em Educação pela Universidade Universidade Federal de Pelotas

Aos presentes: de corpo, pensamento e energia.
Aos pais Gilda e Edson pelo exemplo de vida, carinho e incentivo incondicionais.
Ao companheiro de vida, Jeferson, pelo amor, pela paciência e estímulo.
À orientadora, por ensinar muito mais do que dizem os livros e tornar essa trajetória
mais leve.
Aos amigos por compreenderem as ausências e vibrarem por mais essa conquista.
Aos colegas de mestrado e profissão que fizeram dessa trajetória mais doce.
À vida, por me proporcionar chegar ao encerramento ou início de mais um ciclo.

Assim como uma colcha de retalhos
Cheinha de pedacinhos
Em grande parte coloridos
Há também retalhos escuros
E necessários
E os brancos...Ah! São apenas brancos
Cada pedacinho costurado
Por cada vida
Que se entrelaça com a minha
E que vou costurando na alma
Algumas costuras viram nós
Bem atados
Outras são linhas que dançam
Entre os retalhos
Em cada retalho,
Em cada costura,
Uma vida,
Uma lição
Uma saudade
Sempre será assim,
Um novo retalho abraçando a colcha
Com linhas dançantes
E nesse momento
Um novo retalho
E novas linhas dançantes.

Luciana Cozza

Resumo

RODRIGUES, Luciana Cozza. **Produção de sentido e visualidades: Possibilidades da Artes no cotidiano escolar**. 2018. 162f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Esse estudo discute a produção de sentido e a criação através de imagens, acontecida nas (im) possibilidades da arte no cotidiano escolar de jovens dos anos finais de uma escola da rede pública municipal de ensino de Rio Grande, RS. Investiga como estas influenciam nas relações socioculturais, éticas e estéticas. Problematisa a forma como esses jovens fazem a reflexão sobre essas imagens e sobre o que e como consomem, bem como os registros em seus corpos que isso produz. Esse trabalho almejou sensibilizá-los para o sentir e conhecer através da imagem, para a produção de novos sentidos, para uma reflexão sobre o ser e o estar no mundo, sobre o mundo que construímos, sobre a educação estética, as imagens, costumes, percepções, modos de ver, sentir, consumir, conhecer etc. desses alunos. Também pensou-se o quanto nossas identidades, modos de ser e pertencer são configurados através dessas imagens, e o quanto isso modifica a perspectiva educacional, já que modifica os sujeitos envolvidos. A pesquisa, qualitativa, faz uso de duas metodologias: para a escrita dos diários e registros pessoais utilizo a A/r/tografia, e para os encontros com os alunos, as Oficinas de Criação Coletiva. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados diários onde os alunos registraram observações de contexto; questionamentos orais; depoimentos escritos; captura de imagens; reflexões sobre o trabalho realizado; narrativas imagéticas sobre situações cotidianas, entre outros. O resultado foi a reflexão por parte do grupo envolvido acerca das imagens e suas influências no cotidiano escolar, permitindo a ampliação do campo de referências e possíveis transformações na visualidade dos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Estética. Arte Educação. Imagens. Cultura Visual

Resumen

RODRIGUES, Luciana Cozza. **Producción de sentido y visualidades: Posibilidades de las Artes en el cotidiano escolar.** 2018. 162f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Este estudio discute la producción de sentido y la creación a través de imágenes, ocurrida en las (im) posibilidades del arte en el cotidiano escolar de jóvenes de los años finales de una escuela de la red pública municipal de ensino de Rio Grande, RS. Investiga cómo éstas influyen en las relaciones socioculturales, éticas y estéticas. Problematisa la forma como esos jóvenes hacen la reflexión sobre esas imágenes y sobre qué y cómo consumen, bien como los registros en sus cuerpos que eso produce. Este trabajo deseó sensibilizarlos para el sentir y conocer a través de la imagen, para la producción de nuevos sentidos, para una reflexión sobre el ser y el estar en el mundo, sobre el mundo que construimos, sobre la educación estética, las imágenes, costumbres, percepciones, modos de ver, sentir, consumir, conocer, etc. de esos alumnos. También se pensó cuánto nuestras identidades, modos de ser y pertenecer se configurados por esas imágenes, y cuánto eso modifica la perspectiva educacional, ya que modifica los sujetos envueltos. La pesquisa, cualitativa, hace uso de dos metodologías: para la escritura de los diarios y registros personales utilizo a A/r/tografía, y para los encuentros con los alumnos, las Oficinas de Creación Colectiva. Como instrumentos de pesquisa fueron utilizados diarios donde los alumnos registraban observaciones de contexto; cuestionamientos orales; declaraciones escritas; captura de imágenes; reflexiones sobre el trabajo realizado; narraciones imagéticas sobre situaciones cotidianas, entre otros. El resultado fue la reflexión por parte del grupo comprometido acerca de las imágenes y sus influencias en el cotidiano escolar, permitiendo la ampliación del campo de referencias y posibles transformaciones en la visualidad de los comprometidos.

PALABRAS CLAVE: Educación Estética. Arte Educación. Imágenes. Cultura Visual

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01: Registro de reflexões durante mestrado.....	16
Figura 02: Kinder Ovo.....	17
Figura 03: Brindes surpresa dentro do Kinder Ovo.....	18
Figura 04: Aniversário com tema: Moranguinho”.....	19
Figura 05: Aniversário com tema: “Roquita”.....	20
Figura 06: Paquitas no Show da Xuxa anos 90.....	21
Figura 07: Grupo de Paquitas “Xuxa”.....	22
Figura 08: Imagem publicitária Pepsi.....	23
Figura 09: Telletubies.....	33
Figura 10: Capa do documentário “Criança a alma do negócio”.....	34
Figura 11: Cena do documentário “Criança a alma do negócio”.....	35
Figura 12: Reprodução do trabalho de M.A.....	38
Figura 13: imagem colhida em sala de aula.....	39
Figura 14: Imagem aérea do Campus da Universidade Federal do Rio Grande –FURG.....	46
Figura 15: Vista externa da Escola Municipal Cidade do Rio Grande.....	47
Figura 16: Sala de Artes- Escola Municipal Cidade do Rio Grande.....	47
Figura 17: Sala de Artes- Escola Municipal Cidade do Rio Grande.....	48
Figura 18: Imagem dos diários.....	51
Figura 19: Imagem dos diários.....	52
Figura 20: Imagem realizada no intervalo da escola com a faixa do “Luan Santana”.....	57
Figura 21: Autorretrato.....	60
Figura 22: Autorretrato.....	61
Figura 23: Pedaco do cabelo do aluno C.M.....	64
Figura 24: Imagem do Autorretrato	65
Figura 25: Declaração de Nascido Vivo de F.A.....	67
Figura 26: Imagem trazida pelo aluno G.G.....	71
Figura 27: Imagem retirada da internet pelo aluno N.A.....	71
Figura 28: O Nascimento de Vênus.....	72
Figura 29: Reflexão sobre o ideal de beleza da aluna E.Q.....	74
Figura 30: Imagem do Autorretrato K.M.....	75

Figura 31: Imagem de divulgação do clip “Rabetão”	78
Figura 32: Confraternização.....	83
Figura 33: Refrigerantes.....	84
Figura 34: Refrigerantes.....	84
Figura 35: Atividade em aula.....	85
Figura 36: Conversa com a nutricionista da escola.....	86
Figura 37: Relato retirado do diário a/r/tografico.....	93
Figura 38: Relato retirado do diário a/r/tografico.....	95
Figura 39: Desenho retirado do diário a/r/tografico.....	96
Figura 40: Desenho retirado do diário a/r/tografico.....	97
Figura 41: Imagem da aluna, no diário a/r/tografico.....	98
Figura 42: Imagem da aluna, no diário a/r/tografico.....	99
Figura 43: Alunos durante a montagem da exposição.....	102
Figura 44: Alunos no término da montagem da exposição.....	103
Figura 45: Início da exposição.....	103
Figura 46: Um dos painéis da exposição.....	104
Figura 47: Um dos painéis da exposição.....	104
Figura 48: Alunos da escola visitando a exposição.....	105
Figura 49: Alunos da escola assistindo/escutando o vídeo da exposição.....	105

Sumário

Desconfortos: Entre Kinder Ovos, Paquitas e Imagens Publicitárias.....	13
O aparente mundo fantástico de surpresas.....	17
Registros, trajetórias e marcas.....	19
Sentido, Arte e Estética.....	24
Cultura Visual. Imagens de consumo e Artes Visuais.....	28
Imagem, Realidade e Educação Estética: Sublinhando Paradoxos.....	30
Imagem, Arte na escola: Criar Visualidades.....	36
Hibridização de métodos: A pesquisa A/r/tográfica.....	39
Oficinas de Criação Coletiva.....	42
O local da pesquisa: Escola Municipal Cidade do Rio Grande – CAIC/ FURG, RIO GRANDE, RS.....	45
Heteropercepção, construção da visualidade e busca de sentidos.....	48
As Oficinas.....	51
Autorretrato.....	53
A Mulher.....	68
O consumo e o corpo humano: Necessidades e exageros.....	83
O Outro.....	88
Reverberações.....	89
Comunicação.....	90
Ligue 141.....	91
O corpo	100
Exposição.....	102
Infinitas doses de encantamento...Rumo às considerações finais.....	107
Considerações Finais.....	111
Referências.....	113

ESSA PESQUISA CONTÉM:

- 1 caixa preta
- 1 dissertação
- 1 CD com imagens e vídeos
- 1 elemento surpresa
- 1 bico
- 1 guarda chuva
- 1 cápsula
- 3 balas
- 4 canetas em 1
- Infinitas doses de encantamento



Foto da caixa preta original aberta

MANUAL DE USO DA CAIXA PRETA

Além da reflexão, vamos desenvolver a sensibilidade?

Convido-te a fazer uma imersão no assunto e a te permitires fazer parte da pesquisa.

Ao longo da leitura do texto, usa os itens descritos na página anterior.

Começa usando a caneta, escolhe uma cor, aquela na qual acredites ser a que mais representa a tua pessoa.

Usa-a para escrever dicas no texto, destacar o que achou importante, rabiscar, desenhar...

E o que mais a tua criatividade permitir!

O uso dos outros objetos que compõem a caixa preta será indicado ao longo da leitura.

DESCONFORTOS: ENTRE KINDER OVOS, PAQUITAS E IMAGENS PUBLICITÁRIAS...

Essa não é apenas uma dissertação, é um convite.

Um convite a experimentar, a sentir, a sensibilizar-se e a refletir.

Sinta-te à vontade para experimentar o que esse trabalho possa te proporcionar, já que esse estudo discute a produção de sentido e a criação através de imagens, nas (im) possibilidades da arte no cotidiano escolar.

Inicialmente, esse estudo se propunha a discutir as Artes Visuais, a Cultura Visual e imagens ligadas ao consumo em uma escola de Ensino Fundamental da rede pública municipal de Rio Grande, RS, onde atuo¹ como docente. Focava-se nas influências, possibilidades e transformações do cotidiano escolar dos alunos envolvidos, bombardeado diariamente por imagens atreladas à sociedade de consumo.

Todavia, as reflexões desencadeadas pelo mestrado, concomitantes à docência me permitiram um novo olhar, ampliando o campo de possibilidades em que a arte é capaz de adentrar. Passei a perceber os alunos como sujeitos que produzem e constroem conhecimento através das imagens a todo instante, e o quanto isso se reflete no modo como percebem o mundo a nosso redor.

Tais questões sempre ocuparam um lugar de destaque em meu fazer pedagógico. Atuo num contexto social e educacional como professora de Arte há oito anos, em turmas de anos iniciais e finais, com alunos de idades entre seis e vinte anos. Dessa forma, o escopo dessa pesquisa, bem como sua configuração, são resultado, em grande medida, de minha experiência como educadora, dos diálogos estabelecidos na escola — não apenas na sala de aula — mas, nos diversos espaços de socialização oportunizados pela instituição, seus corredores, pátio, etc.

Minhas reflexões envolvem também experiências prévias de minhas práticas docentes, como arte educadora em escolas públicas e particulares nas quais atuei e atuo, onde tenho percebido que a maioria dos alunos, além de reproduzirem imagens copiando modelos estereotipados, as consomem sem saber ou questionar seu significado ou veracidade, sem produzir sentido ou mesmo compreendê-las. As relações entre veracidade, realidade e representação estão ligadas sempre a um

¹ Atuei de 2010 a 2015 em uma escola particular e de 2010 até os dias atuais na rede pública.

contexto social, ético e estético, além de relações de poder que as imagens estabelecem nas nossas vidas.

Inquieta com esse processo, resolvi pesquisar o cotidiano de turmas escolhidas, entre outros fatores, por poder acompanhar essas turmas conforme vão avançando em seus estudos, facilitando a comparação de resultados e o próprio desenvolvimento / crescimento dos alunos.

O interesse por esse tema se deu através de um desconforto (Fig.01) frente à situação pessoal e escolar em que a minha história foi escrita e por como está acontecendo no presente, pois, além de presenciar o cotidiano desses jovens influenciados pela mídia, vivenciei aspectos semelhantes, desde a minha adolescência.

Portanto, a partir disso, resolvi pesquisar o quanto e como um grupo de jovens da escola na qual leciono é influenciado por essas imagens que circundam nossas vidas. Além disso, problematizo a forma como esses jovens fazem a reflexão do que e das imagens que consomem, bem como as formas de registro nos corpos que isso produz. Busco também sensibilizá-los para o sentir e o conhecer através da imagem, pois nesse universo imagético em que vivemos, sentir se faz necessário para que não nos tornemos máquinas desumanizadas.

Objetivei nessa pesquisa problematizar a imagem, a Cultura Visual e a arte como processos pedagógicos que exigem escolhas, além de uma visão de arte e de educação. Objetivava demonstrar a necessidade de uma educação da sensibilidade, de uma educação estética, através da arte, na escola. Acredito que nossas práticas refletem nossa visão de homem, de mundo, de educação, e convidam a estarmos atentos para não cair nas armadilhas da reprodução, do consumo, da alienação.

Nas sociedades capitalistas, uniformizadas pela rede de comunicação global que estimula o consumo em todos os níveis para sua constância, as imagens exercem um papel fundamental, razão pela qual essa pesquisa se dispõe a refletir sobre como e de que forma nossos jovens absorvem esse mundo imagético.

Partindo desse cenário, esperava, ao longo da pesquisa que o grupo envolvido refletisse, através das imagens retratadas, sobre seus costumes, percepções, modos de ver, sentir, conhecer. Que adquirissem mais consciência sobre o que e como consumiam.

Sendo assim, pretendi que percebessem o quanto nossas identidades, modos de ser e pertencer ao mundo são configurados através das imagens, e o quanto isso modifica a perspectiva educacional, já que modifica os sujeitos envolvidos.

Não objetivo chegar a conclusões deterministas de causa-efeito lineares, mas espero que esse trabalho cause, no mínimo, um estranhamento àqueles que dela participaram, e igualmente aos leitores, transformando seus olhares e práticas frente ao que consomem de forma acrítica.

A pesquisa, qualitativa, utilizou distintos métodos de coleta de dados, como: observações de contexto; questionamentos orais; depoimentos escritos; captura de imagens; reflexões sobre o trabalho realizado; narrativas imagéticas realizadas pelos alunos sobre as imagens em situações cotidianas, entre outros.

Faço o uso de duas metodologias mescladas nessa pesquisa: Para a escrita dos diários e registros pessoais utilizo a A/r/tografia com o conceito proposto por Dias (2016), e para os encontros com os alunos, as Oficinas de Criação Coletiva de Meira (2001;2007). Estas são uma categoria metodológica que dá conta de um campo empírico de coleta de dados imagéticos. Uma espécie de “laboratórios de sentir”, segundo a autora, locais de encontros semanais dos grupos de alunos, para que colhessem e discutissem seus cotidianos, e a partir daí, criassem sentidos, a partir da reflexão sobre os processos experienciados, as transformando em saberes, a partir da (re)criação.

A A/r/tografia é uma corrente de investigação que mescla formas de registro e opera na confluência do pesquisador, do artista e do professor, ou seja, admite sua produção poética como parte da investigação. A A/R/tografia provê uma forma ainda considerada alternativa de registrar entendimentos e saberes sensíveis relacionados à Arte, mesclando textos e imagens (DIAS, 2016).

Para definir como tema de pesquisa a influência das imagens de consumo nos jovens e dentro do tempo presente, e a necessidade de sua Educação Estética e artística, fundamental destacar o quanto, na sociedade atual, a presença e a atuação dessas imagens interpelam / condicionam as pessoas a fazerem escolhas, nem sempre conscientes.²

² Essa discussão está contemplada em capítulo próprio.

Essa pesquisa foi uma forma de sistematizar minhas experiências docentes ao longo dos anos, e serviu para a reflexão de tudo o que vivi e para ajudar a compreender quem me tornei, e qual o papel da arte nisso. Foi, mais do que uma pesquisa de mestrado, uma pesquisa de vida.

Control > eloque imagem
fragmentos escola
marcas cultura criticar CAIC manifestar
Desconforto mídia imagem
evolução evolução sentido consumo questionamento
lecionar imagem carência arte cego imagem
natural reflexo foto memória marca que marca

16

O APARENTE MUNDO FANTÁSTICO DE SURPRESAS

Durante minha juventude, muitas vezes não foi possível acompanhar a moda, os gostos e os usos do que estava sendo divulgado na mídia, e, conseqüentemente, consumidos por crianças e jovens com os quais convivia. (Fig. 02 e 03) Gradativamente, fui percebendo a “(des) necessidade” de usar determinada marca, ou de consumir algum alimento somente pelo fato de ver suas marcas estampadas em minha vida diariamente. Todavia, mesmo não podendo consumir, essas imagens despertavam meu desejo.

É um exemplo de alimentos/produtos consumidos na minha infância, cujo anúncio publicitário musical veiculado na mídia afirmava:

Felicidade é surpreender com Kinder Ovo
e quem sabe o que achar?
É adivinhar, desejar, descobrir o que é..felicidade(...)
O kinder ovo é um pedaço de felicidade...”³.

Vídeo disponível no pen drive que acompanha a caixa preta



Figura 02: Kinder Ovo. Disponível em <http://vivaosanos90.blogspot.com.br/2015/12/kinder-ovo-que-grata-surpresa.html>. Último acesso em 22/04/2017.

³ Vídeo de 1999 disponível em <http://vivaosanos90.blogspot.com.br/2015/12/kinder-ovo-que-grata-surpresa.html>

Esse anúncio é um retrato da influência da mídia na infância, veicula imagens de crianças saindo da monotonia, sensação essa que temos pelo fato de que, antes do produto aparecer, estão deitadas/paradas com a expressão de tristeza no rosto, e, quando lhes é apresentado o produto, um chocolate em formato de ovo, se levantam, expressam felicidade com sorrisos e gargalhadas. Aparentam, assim, serem despertadas para um mundo fantástico de surpresas, condensadas no mistério estimulado, criando expectativas para que a criança descobrisse o que abrigava secretamente o ovo, que era um mero brinquedo, minúsculo, de plástico pintado.

Essa influência de ter acesso a algo misterioso não atingia somente crianças, mas também os adultos, que também os consumiam para colecioná-los.



Figura 03: Brindes surpresa dentro do Kinder Ovo. Disponível em <http://vivaosan90.blogspot.com.br/2015/12/kinder-ovo-que-grata-surpresa.html>. Último acesso em 22/04/2017

Baseado nisso, fui percebendo o quanto a sociedade pode se (nos) moldar e (nos) reformular, exercendo sobre nós o controle de nossas visualidades, é capaz de gerenciar o que, como, onde e para que vemos. Essa influência se faz notar, principalmente no contexto escolar, pois a socialização entre os pares se dá com mais frequência.

Abra a cápsula e observe o leão!

REGISTROS, TRAJETÓRIAS E MARCAS

Hoje percebo o quanto foi, em minha experiência, inevitável o acesso e o consumo dessas imagens, ao retomar registros de minha história em fotografias de aniversários (fig.04 e 05). Neles, sempre presente algum personagem do momento; de muitos não recordo mais, mas deles a fotografia se encarrega de fixar a memória.



Figura 04: Aniversário com tema: “Moranguinho”. Arquivo pessoal, 1987

Dentro da caixa preta há três balas com gostinho de aniversário,
deguste! Utilize o papel para brincar de pompom!



Figura 05: Aniversário com tema: “Rockita”. Eu à direita, Maurício- irmão- à esquerda. Arquivo pessoal, 1991.

O hábito de decorar festas infantis com personagens da indústria cultural perpetua-se até os dias atuais, porém, com diferentes “heróis” e “mocinhas”. Adorno e Horkheimer que defendem a ideia de que essa *indústria cultural*⁴ promove uma satisfação que compensa e é efêmera ao mesmo tempo, dessa forma ela agrada os sujeitos que acabam se submetendo ao sistema dessa *indústria*, tornando, então sujeitos acríticos, pois as escolhas de produtos já não são feitas de forma tão consciente. Hoje sabemos que já não é possível que um sujeito seja um expectador passivo, pois ver é um ato dinâmico, que recria a realidade.

Esses personagens / marcas muitas vezes deixam as impressões profundas em nossa memória e forma de ser e estar no mundo, e por vezes se perpetuam até a vida adulta. Da mesma forma, o desejo de acessar determinados padrões de consumo e a falta de condições para tal também. Indubitavelmente, tais imagens e modelos exerceram e exercem forte influência na constituição da *visualidade* de crianças e adolescentes.

Segundo Fernando Hernández (2011, p. 33) “a noção de *visualidade* enfatiza o sentido *cultural* de todo olhar, ao mesmo tempo em que subjetiva a operação cultural

⁴ Utilizo o termo baseado nos conceitos de Adorno e Horkheimer que defendem a ideia de que a indústria cultural promove uma satisfação que compensa e é efêmera ao mesmo tempo, dessa forma ela agrada os sujeitos que acabam se submetendo ao sistema dessa indústria cultural, tornando, então sujeitos acríticos, pois as escolhas de produtos já não são feitas de forma consciente.

desse olhar. Isso pressupõe que todo o olhar – e o dar-se conta do que olhamos – está impregnado de marcas culturais e biográficas”.

Essas marcas podem ser vistas nos registros expostos de minha festa de aniversário. É possível perceber nelas que, ainda que tudo fosse muito *simples* em função dos recursos econômicos que possuíamos, os personagens de consumo estavam presentes. Muitas vezes, os enfeites e adornos, confeccionados em casa por familiares, ao contrário de colegas que possuíam condições financeiras de adquiri-los em lojas especializadas em decoração, por exemplo, eram os mesmos temas presentes nas comemorações destes. Todavia, não era apenas em aniversários que a mídia estava presente, influenciando na nossa forma de viver, nossos gostos e costumes infantis, através dos personagens do momento.



Figura 06: Paquitas no Show da Xuxa anos 90. Disponível em <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/05>.



Figura 07: Grupo de Paquitas “Xuxa”. Arquivo pessoal da pesquisadora. Rio Grande, 1992.

Certamente, essas imagens/ marcas também exerceram muita influência em minha geração, razão pela qual sou impelida a conhecer os processos que a cercam. Esse foi um dos objetivos desse trabalho, já que conhecer o passado é importante para conhecer as condições através das quais passamos a aceitar ou adotar crenças, valores e atitudes veiculadas pelas imagens nas quais passamos a acreditar e agir (NASCIMENTO, 2013).

Por ter contato com arte desde a infância, participando de grupos artísticos na escola e no bairro, optei por realizar uma graduação em que pudesse aprender mais sobre Arte. Ingressei então na Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, RS, onde estudei de 2005 a 2008.

No primeiro ano de graduação, participei de um curso de extensão que estudava arte e moda. Como trabalho de final deste, foi proposto um desfile mesclando moda com períodos artísticos. Para meu trabalho, que tratava de *Pop Art*, confeccionei uma roupa com embalagens de produtos consumidas por mim e pelos colegas do curso, fazendo assim, uma crítica/reflexão sobre nosso pequeno-grande consumo frente nosso mundo. No final da graduação, como trabalho de conclusão de curso, escrevi sobre a influência das imagens, nesse caso, as da Fotografia. Nesse estudo, enfatizei o fato de as imagens produzirem algum tipo de discurso, e, além disso, serem manipuladas para nos convencer de algum fato.

Nesse estudo chego à conclusão de que as imagens (fotográficas/publicitárias) podem ser usadas para *mentir* e para dizer *verdades*. Elas são elaboradas para seduzir, sensibilizar e criar valores comportamentais, éticos e/ou morais.

Por necessidade de aprofundamento, procurei a Especialização em *Linguagens verbais, não verbais e suas Tecnologias*, no IFSUL, em Pelotas, RS, em 2010/11, na qual estudei diferenças e semelhanças de duas marcas de refrigerantes conhecidos.

Investiguei o crescimento do mercado de refrigerantes e consequentemente o aumento de anúncios na área. Foi possível notar que as marcas se utilizam de contextos socioeconômicos e culturais para se aproximarem do consumidor em potencial. Abaixo, um exemplo semelhante ao utilizado nessa pesquisa, qual a publicidade se faz a partir de uma data comemorativa gaúcha.



Figura 08: Imagem publicitária Pepsi. Disponível em <http://kzuka.clicrbs.com.br/geek-me/noticia/2014/09/ops>

Além disso, durante esse tempo, realizei a segunda graduação, em Letras/Espanhol na Universidade Federal do Rio Grande- FURG, RS, concluída em

2013. Meu objetivo ao fazer essa graduação era de conhecer mais sobre a origem e o funcionamento da nossa linguagem, seja ela oral, escrita ou visual.

Ainda assim, considerei essas pesquisas que realizei um tanto superficiais, e sentia necessidade de saber, conhecer, pesquisar mais. Isso me motivou a ingressar no Programa de Pós-graduação em Arte Visuais (mestrado), visando um aprofundamento ainda maior no meu tema de interesse.

Posteriormente fui apresentada à Cultura Visual, mais adiante em discussão, e a cada leitura um encantamento ainda maior pelo assunto. E a confiança de que existem pensadores refletindo sobre o tema de meu interesse que me poderiam ajudar na caminhada.

SENTIDO, ARTE E ESTÉTICA

Com a Pós-Modernidade, a *Estética* deslizou das Belas-Artes para a *vida*, as emoções, sentimentos, cuidado: possibilidade da carícia essencial entre os da mesma espécie. Igualmente a criação é um caráter *geral* que *todos* os humanos possuem, e transcende à arte. Ostrower (1987) afirma sermos *naturalmente*, e não excepcionalmente, criadores. A criação tem sua própria realidade de ação e sentido, está colada ao cotidiano e às vivências. Cada um ao criar se recria e revitaliza a cultura, mobiliza possibilidades de transformar sua existência, compreende seu papel social.

A arte, como criação e *imanência*, retira do sujeito a responsabilidade de projetar *obras de arte* e se estende a acontecimentos e signos estético-poéticos que envolvem os *fatos da vida*. Harmoniza sentido e reflexão, pensamento e sensível. Não mais pensada a respeito de algo, o “é”: entre natureza e cultura, joga, figura, desfigura ou transfigura o mundo. Por proporcionar uma emocionalidade coletiva, conforma um *ethos* onde o que se vive junto é primordial: a *estética (aisthesis)*, faculdade de sentir em comum, assume uma função *ética*. Descentrada do racional, gerada na criação coletiva e no sensualismo cotidiano, a *ética*, recursivamente, compõe *uma estética da vida*, um partilhar de responsabilidades com um mundo onde uns e outros, unidos *na emoção em relação a um signo*, *vivem uma sensibilidade coletiva que fortalece o social, desperta o desejo de fusão* (MAFFESOLI, 1996).

As dimensões estéticas e artísticas possuem semelhanças, mas também diferenças. “Experiência estética é acima de tudo o mais, *evento*, algo que acontece

num tempo e lugar para e por alguém. O grau de interesse neste evento é o que produz a atenção suficiente ao acontecer”. A reflexão estética, por sua vez, “[...]remonta à experiência que se produz num agora, de modo denso, porque extrai sua pertinência do fato de que os seres humanos têm comportamentos estéticos”, além do fato de que ela “[...] faz parte importante da visão de mundo contemporâneo, do modo como agimos/reagimos aos eventos que presenciamos direta ou remotamente” (MEIRA, 2014, p.56).

A estética, acontecimento complexo que retorna à percepção anterior à condicionada pela discursividade da linguagem, permite aí experimentar a beleza, *relação dos sentimentos com as formas que lhes tocam* (DUARTE JR.,2001). Esta experiência, impossível de ser realizada pelo intelecto, para Pinker (2002), encontra na arte a *tecnologia* para dar *um golpe nos sentidos* e salvaguardar o prazer. A razão não identifica, purifica e concentra os *padrões fornecedores de prazer*: se assim fosse, o cérebro se concederia altas doses dele, não apenas *gotas* advindas das sensações. Somos atraídos por padrões coloridos, artificiais e vívidos que acionam nossos *botões de prazer* também por *evocação mental*. A *imaginação* ativa as partes do cérebro que registram o mundo quando *realmente* o percebemos. A arte produz a experiência de ver e ouvir eventos *reais* através da *ilusão*. Embora *saibamos* que é ilusão, nela nos perdemos para intensificar o prazer: *criamos uma realidade, uma simulação de vida, para puro deleite*.

Formamos para agradar nossos sentidos, diz Rear (1977). Da *lógica da forma* emana uma *emoção de beleza*, quando nossos analisadores perceptivos decifram superfícies detectando linhas, curvas, etc., como *pistas* sobre objetos moldados por movimento, tensão, gravidade, coesão, ritmo, equilíbrio etc. É um trabalho de *reconstrução do real* que demanda emoção, sentimento, consciência e imaginação.

Nesse momento, abra o elemento surpresa que acompanha a caixa preta que você recebeu. Ele estimula um dos nossos sentidos. Desfrute da oportunidade de sentir. Pegue o objeto e crie sem compromisso com nada e nem ninguém.

Possuímos dois estados, um *prosaico*, do fabrico do pão, da sobrevivência, das mazelas cotidianas, e o *estético*, de criação e de trânsito entre realidades sensíveis, de criação, expressão, de invenção de alegria, de vida (MORIN, 2005). Sua vivência visceral, imanente, está a serviço da de tudo aquilo de a civilização moderna relegou a um segundo plano, como o estar-junto, a escuta atenta do outro, a arte, a expressão simbólica e não racional da palavra e da escrita.

Os humanos, para conhecerem o mundo que os cerca, construíram sistemas explicativos baseados em suas visões de mundo, que têm oscilado, no decorrer dos séculos, entre dois polos: o da *ordem* e o da *desordem*. Todavia, as relações entre ordem e desordem não se separam, antes tensionam relações complexas, misteriosas, enigmáticas, numa dinâmica de equilíbrio perpétuo, lábil, frágil, de difícil fronteira. A modernidade, ao privilegiar o racional como *ordem*, destrói essa dinâmica, e, ao fazê-lo, endereça a desordem, de preferência, a lugares longe do olhar, física ou simbolicamente (MEIRA, 2007).

Calcada na subserviência à objetividade, à "claridade", à medição, à submissão e ao quantitativo sequestra da vida cotidiana o que ela tem de afeto, de risco, de paixão, de sombra, elementos que são, em sua gênese, *desordem*. Coloca um rótulo em tudo o que não couber em seu programa iluminista, como a arte, a infância, o riso, a imagem. Constrói um real asséptico, e o conhecimento expressa essa visão de mundo. Hoje sabemos que o real não se deixa apreender, e é inseparável da *experiência*. A realidade, portanto, "[...] não só uma construção social, um consenso de uma coletividade, um acordo intersubjetivo, mas também uma dimensão *transubjetiva*" (NICOLESCU; BADESCU, 2001, p.121).

Georges Balandier (1997), antropólogo francês, postula que a complexidade que cerca a desordem é ainda mais intrincada, e se bifurca em dois polos. A desordem se torna, de um lado, *destruidora*, quando seus elementos se dissociam; de outro lado, *criadora*, quando acarreta uma *perda de ordem* acompanhada de um *ganho de ordem*, ou seja, quando gera uma *ordem nova* que substitui e pode ser superior à antiga. De um lado, a realidade é amputada de ordens; de outro, enriquecida por novas formas de ordem. A criação da ordem procede da desordem por desorganizações e reorganizações sucessivas. Ora, a arte sempre se dispôs a mergulhar na desordem e de lá trazer outras ordens.

Michel Maffesoli, pensador francês, trata esses dois movimentos, ordem/desordem, como uma *nebulosa afetual*, da qual não se pode excluir as paixões, com a ambiguidade que lhe é característica. Nas histórias humanas, de forma cíclica, "[...] identificam-se momentos em que se dá uma nítida ruptura entre o que é *instituído* [ordem] e o que é *instituinte* [desordem]". É preciso compreender esses conflitos de paradigmas como "[...] modos diametralmente opostos de apreender o real (MAFFESOLI, 1998, p. 118). O autor também propõe uma terceira via, que equivale à *desordem criadora*, na figura de uma "razão sensível", capaz de conjurar opostos, uma *coincidentia oppositorum*, que faz com que coisas, seres, fenômenos, totalmente opostos, se combinem (Idem, ibidem, p.36).

Essas forças antagônicas, mas complementares, presentes na vida e na arte, são reunidas sob as noções de *complexidade* e de *pluralidade* pelo pensador Edgar Morin (2005). Segundo ele, o real ancora-se nessas duas noções, mas demanda uma *terceira via* (ganho de ordem), de *razão aberta, dialógica*, que depende uma *ética*. E é essa ética o fator que une, no real, forças de *separação/dispersão/aniquiriação* e forças de *religação*, afirmando um viver na *poesia* e no *amor*, o que a transforma em uma *estética*. Somos ricos, contraditórios, ambivalentes, demasiadamente complexos, daí a necessidade da integração reflexiva dos saberes em uma dimensão *poética*.

A modernidade, todavia, ao privilegiar o racional como *ordem*, endereçou a desordem a lugares onde o olhar, de preferência, não alcance, física ou simbolicamente: escolas, presídios, manicômios, conventos, hospitais e seus programas totalitários, homogeneizadores, que marcam a ferro e fogo os diferentes, os estranhos, os marginais: como a infância, a imagem, o sensível, a arte. Institucionaliza, então, uma [...] pedagogia para formar pessoas perfectíveis, pulcras, cujas formas de convivência sequestram do cotidiano o que ele tem de afeto, risco, paixão, sombra: em sua gênese, desordem" (MEIRA, 2013, p.33). Ora, imagem e arte sempre estiveram identificadas com a desordem; compreende-se então seu papel *irrelevante* na cultura letrada e na escola tradicional.

Atualmente, face à expansão das novas tecnologias informáticas e da era digital, ao computador e à *internet* cada vez mais complexos, velozes e presentes em todos os setores da existência, a noção de real se modifica. Graças às

possibilidades de uso e eficiência das imagens esse real é potencializado/recortado/suprimido/reproposto.

Com “[...] a entrada da tecnologia na produção das imagens, modificaram-se as bases do conhecimento humano” em uma “[...] era da visualidade, da Cultura Visual [já que] há imagens por toda a parte” (ROSSI, 2009, p.09) seja nos sistemas de comunicação, informação e entretenimento. Talvez por essa presença tão avassaladora consideremos tão necessária sua constante atualização, já que, sujeitos a suas influências, as *absorvemos*, introjetamos, sem, necessariamente, apreender e compreender suas mensagens, seus códigos, metáforas, implicações. Imagens carregam significações, palavras, leituras, simbologias.

CULTURA VISUAL, IMAGENS DE CONSUMO E ARTES VISUAIS

As visualidades podem ser entendidas como regimes de enunciação visual
ou os modos como passamos a ver, pensar, dizer e fazer de determinada
maneira e não de outra.
Nascimento

As ciências sociais estudam aspectos sociais da vida dos seres humanos, seja individual ou em grupo. A evolução dos sistemas ópticos de gravação, seja fotografia ou vídeo, sempre serviram ao discurso científico, porém essa relação entre imagem e as Ciências sociais nunca foi fácil como afirma Ricardo Campos (2013. p.23), pois, cada vez mais, as imagens oferecem uma grande riqueza de informação que não pode ser descartada pelas ciências sociais, já que é necessário uma inovação das práticas científicas de acordo com a sociedade atual, saturada por imagens.

Mirzoeff (2003) foi um dos primeiros pensadores da Cultura Visual e conceitua o campo dizendo que a Cultura Visual se interessa por acontecimentos visuais em que o consumidor busca a informação, o significado e o prazer conectados com a tecnologia visual e complementa dizendo que a Cultura Visual é um campo novo justamente por se focar no visual como um lugar que se acredita e que discutem significados.

A Cultura Visual aborda processos culturais referentes a hábitos, costumes referentes às sociedades. Tenta compreender a condição cultural de vivermos mediados por imagens oriundas de diferentes fontes, além de suas manifestações

materiais e simbólicas e o efeito que podem exercer sobre nossas identidades individuais e coletivas. Como aborda Irene Tourinho e Raimundo Martins:

Como campo de estudo transdisciplinar, a Cultura Visual, além do interesse de pesquisa pela produção artística do passado, concentra atenção especial aos fenômenos visuais que estão acontecendo hoje, no uso social, afetivo e político-ideológico das imagens e nas práticas culturais que emergem do uso dessas imagens (2011, p.53)

As imagens hoje são pensadas a partir de uma dimensão mais ampla, de uma Cultura Visual presente em sociedades dominadas por imagens e informações que circulam em velocidade desenfreada, tornando difícil o controle ao acesso e à maneira como nos chegam, e, principalmente, a crianças e adolescentes.

Segundo Fernando Hernández (2007, p.27), seu papel, entre outros, é o de observar “[...] a relevância que as representações visuais e as práticas culturais têm dado ao ‘olhar’ em termos das construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo”.

Sugestões sensoriais dos meios de comunicação de massa, por exemplo, criam uma realidade artificial que se difunde por imagens e textos em um mundo virtual. Precisamos então compreender, articular seus elementos, superando inculcações, estereótipos e massificações criadas pelas tecnologias.

Por ser um campo transdisciplinar e mestiço, “[...] a Cultura Visual inclui os desafios de um sentido conexo de conduta social, de uma educação, de uma estética e de uma arte para compreender um mundo conjurado na forma de *cultura*” (MEIRA, 2014, p.65).

Segundo Raimundo Martins e Irene Tourinho (2011, p. 07) “a Cultura Visual é um campo que busca e realiza mudanças nas maneiras como compreendemos os fenômenos visuais, especialmente nos fazendo pensar sobre os usos que damos às imagens e artefatos promovem nos modos como concebemos, agimos e sentimos o mundo”.

Nesse sentido, novas imagens são reinventadas de acordo com o contexto cultural e a interpretação dada. Nada é totalmente certo e nada é totalmente errado. Não há verdades nas interpretações da Cultura Visual.

Dentro da caixa preta, há um guarda-chuva.

Sim!!! Tem!!

Procure!!

IMAGEM, REALIDADE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA: SUBLINHANDO PARADOXOS

O consumo tornou-se um modo de vida: uma vida do bem constitui,
agora, uma vida de bens.

Ducun

Antes de iniciarmos esse capítulo, convido o leitor pra que nesse momento retire da caixa preta uma chupeta, um “bico”. Ela é comestível. Leia esse capítulo degustando um dos doces presentes nos anos 80 e 90. Não tenha pressa, e, caso a leitura finde, termine de adoçar seu paladar, de acordo com seu ritmo.

Michel Maffesoli (1995) fala de uma *imajação* do mundo. A imagem, secundarizada na modernidade, via novas tecnologias, retoma seu *poder antropológico*, e o que é da ordem do poder passa a ter, então, necessidade de uma *imagem do poder*, e este, seja político, econômico ou intelectual, recorre à *força das imagens*. É indispensável então compreender como agem os mecanismos de *sedução* que acompanham o bombardeio visual, que ofuscam limites entre real e ficção, e ondeno intersticial, uma rede de informações imagéticas se faz, refaz, liquefaz e compõe a Cultura Visual contemporânea (MAFFESOLI, 1996).

É preciso então buscar o *ritmo da vida* no íntimo de nossos sentidos e sentidos comuns, na arte, nos *blogs* e grafites que nos convidam a sensibilidades diversas que rompem com binarismos e valorizam as estéticas contemporâneas múltiplas dos espaços urbanos. Estas são harmonizadas por uma *ambiência* que contamina situações, fatos e sentimentos do cotidiano, embasada em imagens e sentidos que formam comunidades (idem, 2004).

A Educação Estética enquanto tal foi proposta por Herbert Read (1986), que, segundo Meira (2014, p.55) foi um “[...] grande inspirador do movimento de arte/educação no Brasil e no mundo. Ele fala em educação estética como ajuste complexo de emoções e sentimentos subjetivos ao mundo objetivo para desenvolver a qualidade do pensamento e a compreensão”, que depende de “[...] um êxito, de um preciso ajustamento aos eventos.

Read fala não apenas de uma educação artística, visual ou plástica, mas de uma educação que se dirija “[...] a todos os modos de expressão: literária, poética,

musical, auditiva, de modo a realizar apreensão integral da realidade”. Pois, segundo ele, “[...] é na educação dos sentidos internos e externos que se baseia a consciência, a inteligência e o raciocínio indispensáveis a uma vida em comum, desde a mais comum até a mais sofisticada e complexa” (idem, ibidem).

Segundo as palavras de Meira (2014, p.55), Para Read, cujo pioneirismo teve resposta em atuais pesquisas sobre os novos campos abrangidos pela relação estética, como o da realidade digital, entre outros, “[...] a experiência estética (...) possibilita preservar a intensidade de todas as formas de percepção”.

E em arte, a percepção é fundamental, assim como a aprendizagem estética, que a engloba, pois esta é “[...] fator de discernimento sensível, processo cognitivo que ocorre junto à percepção, atenção, memória e imaginação em simultâneo”. Portanto, “[...] em franca dependência das sensações que ocorrem no corpo dinâmico em relação com o ambiente”.

Para Meira e Pilotto (2010, p.78) “[...] desenvolver uma educação estética compatível com tal [nosso] tempo implica saber qual o papel do imaginário nas relações interpessoais e transpessoais”, além de “[...] compreender como se constitui o campo da cultura visual”. Assim, dar consistência a essa educação, “[...] depende de experiências em arte e sua relação afetiva, cognitiva e perceptiva com esta cultura”, além de “[...] discernir o que tradicionalmente tem sido concebido como pensamento visual relativamente à estesia corpórea e a formas de pensar que a arte contemporânea está propondo”(idem, ibidem). Mas, acima de tudo, trabalhar com Educação Estética na escola pressupõe “[...] questionar o tempo como fator complexo nos procedimentos criadores que o corpo realiza no espaço, o que equivale a mudar o conceito de obra, autor e participação do público nos fenômenos de criatividade atuais”.

E por falar em corpo, Duarte Junior (2004) lembra que vivemos uma *anestesia* diante de fatos cotidianos que se perdem ou são deixados em segundo plano, vivemos uma *crise estética* que pode alterar nossas vidas. A arte cumpre seu papel à medida que desvela a necessidade de *educar o sensível*, *repaginando* o prazer sensorial modificado pela modernidade e as atividades rotineiras do homem urbano, como *caminhar*, *comer* e *conversar* de forma sensível, revendo os equívocos e distorções cometidos em ações como *ver*, *cheirar*, *tocar* e *ouvir* pela velocidade de informações/mensagens que nos chegam.

“A questão do sensível então se torna política por excelência – a de uma sociedade dividida entre dar conta de seus velhos mecanismos de regulação, mediação, temporização” e a imposição de uma “[...] revolução tecnológica irreversível para reorganização de suas formas de comunicação, acesso ao saber, informação”, lembram Meira e Pilotto (2010, p.79).

Em face disso, a educação estética torna-se “[...] um imperativo para ampliar e depurar a compreensão daquilo que causa perplexidade e inquietação através da esfera afetiva das interações sociais”. Dessa forma, é capaz de impedir com que as análises e o conhecimento tornem-se um “[...]mero jogo de formas, ou entretenimento vazio”, pois a experiência estética “[...] convoca o potencial poético dos indivíduos e grupos [e facilita] (...) o confronto com situações inusitadas, interconexões ambíguas, sincretismos e misturas que a sociedade apresenta em sua homeostase cultural” (MEIRA; PILOTTO, 2010, p.89).

Por falar nisso, a televisão é um dos meios de maior proliferação de imagens, as grandes empresas de TV aberta monopolizam a opinião pública e são capazes por gerar valores e crenças. Mirzoeff ressalta que as televisões possuem um botão para desativar o som dos aparelhos, mas que não há um botão que desative a imagem, porque os programas podem facilmente seguir sem o som e serão compreendidos. Paul Duncum diz que a mensagem principal da televisão é consumir – a felicidade é alcançada por meio da aquisição de bens e do uso de serviços sociais. (2003, pág.19).

Não é à toa que imagens infantis são atreladas a Televisão, prova disso, são os *Teletubbies*, sucesso no Brasil por volta dos anos 2000⁵, que possuem uma Televisão em sua barriga. Segundo Patricia L. Stuhr (2011, p. 134)uma em cada quatro crianças balbucia o nome de uma marca como sua primeira palavra compreensível.

Em 2016, a nova versão dos *Telletubies*⁶ foi lançada substituindo a TV da barriga dos personagens por telas *Touch Screen*, como dos *Tablets*, acompanhando as mudanças tecnológicas das crianças (Figura 09).

⁵ Segundo o site: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/04/serie-infantil-teletubbies-ganha-60-novos-episodios-apos-14-anos-4735670.html>

⁶ <http://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2015/06/teletubbies-voltam-tv-em-2016-com-telas-touchscreen-na-barriga.html>



Figura 09: Telletubies. Imagem do site:
http://wap.parrette.net/TELETUBBIES_WEB/tt/TeletubbyLand8.php.

É pela televisão que muitos valores sociais são criados, e a influência se dá pelas imagens que segundo Duncum “ são táticas de poder, empregadas por facções sociais rivais em sua luta pela legitimação de valores e crenças” (2011, pág 21). Além disso, as imagens apelam para os sentidos e as emoções e os expectadores detêm o poder de negociar e/ou de resistir a significados dominantes, bem como criar seus próprios significados.

Porém o poder de resistir a essa mídia avassaladora só é possível através da reflexão, sem ela todos somos mergulhados na opinião da mídia.

O documentário “Criança a Alma do negócio” (2008) faz uma critica ao consumismo exacerbado na infância fomentado pela publicidade que no Brasil não tem limites, sendo um dos únicos países que não possui leis que regem esse tipo de abuso.



Figura 10: Capa do documentário “Criança a alma do negócio”. Disponível em <http://mff.com.br/filmes/crianca-a-alma-do-negocio/>. Último acesso em 17/04/2017

No pen drive há o filme. Caso seja possível assista!

O documentário dirigido por Estela Renner é um convite à reflexão de toda sociedade sobre o abuso à influência ao consumo infantil, trazendo depoimentos e imagens reais de crianças que são diretamente atingidas pela mídia. Os dados numéricos que o documentário nos traz assustam no sentido da influência infantil.

Segundo o filme 80% das crianças preferem ir a *shoppings* do q ir a alguma parquinhos, passam 5 horas por dia assistindo televisão, sendo a maior média mundial. E assim, podem assistir 550 comerciais voltados ao público infantil por dia.

⁷.

⁷ Números médios de acordo com dados do documentário



Figura 11 Cena do documentário “Criança a alma do negócio”. Disponível em <http://mff.com.br/filmes/crianca-a-alma-do-negocio/>. Último acesso em 17/04/2017

É relevante pensar que desde o ano de produção do filme até os dias atuais, o acesso à informação e à tecnologia já aumentou consideravelmente, dessa forma as crianças passaram a ter mais acesso à publicidade, seja na Televisão ou nas redes sociais.

Partindo disso, Irene Tourinho e Raimundo Martins (2011,p.52) nos dizem sobre essa realidade e o ensino de Arte, ao anotarem que os mecanismos sociais, que não tem nada de *inofensivos*, pois operam de maneira subliminar, sendo “[...] responsáveis pela produção, distribuição e circulação de informação e conhecimento nos colocam diante da necessidade de (re) articular nossa relação com o mundo, com as práticas artísticas, visuais, culturais e de ensino, reformulando horizontes e repertórios visuais, criando assim *novos mapas* para “[...] apreender e compreender o momento complexo em que estamos vivendo. Além do mais, esse panorama contemporâneo “[...] ganha força e contornos específicos ao constatarmos que sua capacidade de disseminação de informação e conhecimento artístico e visual acontece em um espaço virtual”. Dessa forma, “[...] cria inúmeros desafios para as práticas criativas e, por extensão, para as práticas de aprendizagem e ensino de arte” (idem, ibidem).

IMAGEM, ARTE NA ESCOLA: CRIAR VISUALIDADES

Quando o aprender a fazer de forma autônoma, para além da escola, poderá dizer que é um homem livre, cumpre-se a missão da educação.
Leonardo Charréu

A escola se constitui como uma instituição propícia para as práticas sociais, pois é cenário de vivências, de trocas, interações, o espaço escolar é repleto de significados e sentidos. Em minha acepção, como produto social, a escola se coloca no papel de produtora de verdades. Normalmente, não se questiona a veracidade da instituição escolar, visto que seu poder de verdade já está convencionado ao longo da história, e mesmo com decorrentes mudanças históricas a escola também é um espaço que empobrece práticas cotidianas plurais, tentando impor formas únicas de pensamentos e ações. Isso vem ao encontro do nosso sistema mundial capitalista e de *treinamento* humano para geração de infinitos recursos capitais.

Seria um dos objetivos da educação estética hoje, para Leonardo Charréu (2011, p.125), ser simultaneamente “[...] pragmática, útil e emancipadora, sendo capaz de manter a crença de que um mundo melhor é possível [esse] será o grande desafio que a escola e outras instituições culturais (museus, centros cívicos, etc.) que perseguem os mesmos fins terão pela frente”.

A escola resvala em terreno movediço, ainda incapaz de lidar com a complexidade das artes e da imagem, inábil para lidar com realidades virtuais, interpretações ficcionais, novos modelos identitários e de conduta. Como decorrência, muitos professores ainda se apoiam no conforto da razão e na verbalização, ao invés da visualização e da *imajação*.

Escapar dessa armadilha incorreria em experienciar processos criadores, garimpar e editar imagens, pensar sobre sua ação e reação conosco e umas sobre as outras.

Uma necessária educação estético-artística poderia criar uma *visibilidade despoluída, emancipada* da tradição moderna, atento ao legado estético de obras, escritos e eventos que hoje a Cultura Visual disponibiliza em larga escala.

Baseado em que a vida das pessoas, nesse caso, os alunos, se caracteriza pela saturação de imagens, Hernández (2007, p. 59) defende a ideia de *múltiplos alfabetismos*. Considerando que a comunicação “[...] se constitui por meio de novos textos e meios visuais, sonoros, mímicos e por multimídias” percebemos o quão

necessário é “[...] preparar nossos discentes para esse mundo globalizado em que imagens chegam a todo instante pelos mais diferentes meios de comunicação”.

Em relação a isso é importante salientar que a criança olha e vê antes de falar (BERGER, 1987), o que nos leva a concluir que temos que alfabetizar também para a linguagem visual, (re) ensinar a olhar, a ver, já que o nosso momento histórico é imagético. O ensino de arte é fundamental para a provocação desse novo olhar, pois ajuda a (re)significar o mundo e a existência, iluminando e desvelando aspectos não plenamente acessíveis ao conhecimento inteligível (DUARTE JÚNIOR, 2004).

O papel da Escola seria o de contribuir para que os estudantes possam ter um olhar crítico sobre o contexto sócio-histórico em que vivem, e nele as Artes têm um papel fundamental, podendo despertar esse olhar para acontecimentos, fortalecer identificações, a solidariedade, ampliar a visão de mundo, pelo contato com a produção de arte de diversos lugares do mundo. Mas não só, a arte também pode ser um espaço de expressão e, ainda, articular-se a outras áreas do conhecimento.

Ensinar a Cultura Visual, segundo diz Leonardo Charréu (2011, pág. 117), “[...] é promover o seu estudo no ambiente escolar contemporâneo pressupõe, então, em primeiro lugar, a ‘demolição’ de um conjunto de conteúdos que se foram cristalizados em redor do que tradicionalmente se tem designado como Ensino Artístico” e, além disso, é necessário terminar com a concepção social de que arte é dom.

Como já mencionei anteriormente, tenho observado em práticas escolares que nas produções visuais realizadas pelos alunos há a tendência de copiar ou reproduzir imagens advindas da mídia, seja em trabalhos realizados em outras disciplinas ou nas aulas de arte, onde supostamente se deveria priorizar a criação e a experiência estética.

Trabalhos como cartazes, ilustrações, gravuras e esculturas viram reproduções de imagens veiculadas comercialmente, e dessa forma interferem diretamente na “criação” desse grupo de alunos⁸. Além disso, o comportamento de consumo dos grupos é definido claramente pela mídia e pelas imagens que nela interpelam. Suas escolhas e gostos pessoais são determinados pelas imagens

⁸ Em “Mídia, Imaginário de consumo e Educação”, Paola Basso discute os estereótipos visuais propagados na cultura de consumo.

repetidamente impostas pela mídia, (BASSO, 2001). Em alguma medida, somos aquilo que consumimos, e assim as imagens também acabam por construir/fortalecer/desconstruir identificações, individuais e coletivas, incidindo de forma ímpar na subjetividade.



Figura 12: Reprodução do trabalho de M.A. Rio Grande, 2016. Foto: acervo da pesquisadora

Na medida em que nossos alunos têm como possibilidade somente a reprodução, é inevitável que consumam com mais naturalidade as imagens/mensagens apresentadas pela mídia, aquelas prontas. Torna-se, assim, a escola um lugar de mera reprodução, onde o aluno apenas reproduz imagens convencionadas, estereotipadas, pobres, sem criação. Segundo Alexandre Pereira e Raimundo Martins:

O objetivo principal dos estereótipos é construir um saber fixador sobre identidades e alteridades e, ao fazer isso, estabelecem um poder de manutenção e controle. É o efeito do panoptismo, uma rede de fixação de sujeitos que são examinados, escaneados e, em seguida, adequados aos modelos identitários que os estereótipos sugerem. (2013,p 70)

Como nossas escolas estão imersas nesse mundo imagético, é tarefa quase impossível desassociar escola x aluno x sociedade, já que essa última oferece um universo infindável de imagens, em geral mais interessantes para os estudantes.

A esse respeito manifesta-se Meira (1999, p. 132) ao assinalar que “[...] diante de um grande número de ofertas visuais, performáticas e espetaculares na sociedade, a escola encontra-se em desvantagem”, pois o que antes era auxiliar nas aulas, como a comunicação corporal do professor, ou sua retórica, já não convencem.

Embora saibamos que as instituições de ensino não têm como acompanhar o ritmo vertiginoso dessas transformações, elas têm, entretanto, a responsabilidade de formar e informar indivíduos que possam compreender, avaliar e atuar como agentes críticos que não se detêm a ser reféns do poder persuasivo das imagens e práticas produzidas pelo capitalismo cultural eletrônico. (2011, p 66).

O mundo da escola assim passa a ser “[...] um mundo cinza, parado e passivo. As imagens na escola são manipuladas como se fossem neutras e inofensivas, além de mal aproveitadas em termos de possibilidade educativa”. Além do que, o professor se vê “[...] despreparado para desempenhos comunicativos e expressivos ao nível do desafio do ensino e das crianças atuais, não se prepara o professor, sobretudo, para dialogar com o mundo através de um universo imaginal”.

Para Debord, “[...] o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre os indivíduos, mediada por imagens. (DEBORD, 1997).



Figura 13: imagem colhida em sala de aula. Rio Grande, 2016. Foto: acervo da pesquisadora

HIBRIDAÇÃO DE MÉTODOS: A PESQUISA

A Educação da Cultura Visual é uma maneira de realizar uma problematização histórica do presente materializado em imagens.
Erinaldo Nascimento

As concepções atuais de pesquisa em Ciências Humanas, onde se localiza o campo da arte, expõem cenários que produzem *paisagens fecundas* para os

educadores exporem suas *presenças*, deslocando-se de si em direção aos outros participantes da pesquisa. Essa forma de pesquisa privilegia novas formas de *compartilhar o conhecimento* (PIMENTEL, 2014).

A pesquisa em educação, portanto, é um processo atravessado por “[...] dinâmicas invisíveis de aproximações e distanciamentos entre as pessoas”. Estas “[...] alimentam-se das sensibilidades com as quais cada indivíduo constrói suas relações de pertencimento ao mundo”. Se reconhecemos em nosso trabalho de campo “[...] uma experiência viva, inscrevemos em nossos corpos os gestos, as palavras, as cores, os sons, as texturas, as imagens, as temperaturas e um sem número de sensações que remetem às nossas vivências em educação” (PIMENTEL, 2014, p.25). Por essa forma coloquei-me nessa pesquisa, narrando minhas experiências enquanto educadora.

A pesquisa realizada foi de natureza qualitativa, e mesclou métodos em função das opções em buscar uma forma de pesquisar que incluísse a imagem como *dado de pesquisa*, como narrativa, e não de forma *ilustrativa*, porque estamos no campo das Artes Visuais. Utilizei a hibridação dos métodos A/R/Tográfico e das Oficinas de Criação Coletiva.

A pesquisa se pautou na hibridização das duas metodologias, e por estar no campo da A/r/tografia e da Criação Coletiva, esteve aberta a todo tipo de intervenção.

Para que possamos entender um pouco mais dessa forma de pesquisar considerada relativamente nova, discorro um pouco sobre elas.

As Oficinas foram programadas para dez encontros de uma hora e trinta minutos, durante as aulas de arte, porém foram ocorrendo situações e assuntos que se entrelaçaram com o proposto, ficando impossível passarem despercebidos durante as aulas. Assim, os encontros duraram todo o último semestre letivo, passando a ser vinte encontros, ou seja, 20 oficinas. Ainda assim, não foi possível abordar todos os temas propostos, visto que havia preparado um tema por Oficina e algumas oficinas ocuparam mais de um dia letivo.

A/R/TOGRAFIA

Essa corrente investigativa mescla registros verbais, escritos e imagéticos, operando na confluência do pesquisador, do artista e do professor, admitindo sua produção poética que, em nosso caso, advém das Oficinas. Provê uma forma ainda *alternativa* de registrar entendimentos e saberes sensíveis mesclando textos e imagens (DIAS, 2016).

Essa metodologia reúne o texto escrito e a imagem visual, misturando os dois, sem desprestigiando nenhum tipo de narrativa, pois arte e escrita caminham juntas nesse processo. Minha produção está presente na forma de fotografias, desenhos e todas as produções que surgirem ao longo da caminhada.

A *a/r/tografia* segundo Dias (2013) é uma metáfora para: *Artist* (artista), *Researcher* (pesquisador), *Teacher* (professor) e *Graph* (grafia/escrita/representação). Nesse sentido saber, fazer e realizar se hibridizam formando um único formato de pesquisa, na qual as formas tradicionais não conseguem abarcar.

A *a/r/tografia* é uma forma de pesquisa/ação, pois é uma pesquisa viva, interessada no refletir e no fazer, estando atenta à vida ao longo do tempo, dando ênfase na memória, já que fotografias, histórias de vida, lembranças e as identidades dos sujeitos são uma rica fonte de dados para a pesquisa.

As práticas do professor/pesquisador são tão importantes (ou mais) quanto os resultados finais. Nesse sentido segundo Rita L. Irwin (2013, p.33) “[...] para os *a/r/tógrafos* não existem modelos”. Sendo assim a *a/r/tografia* me permite criar mesclando texto e imagens da forma que achar conveniente e que faça sentido para meus alunos e para a pesquisa. É uma brincadeira criativa repleta das nossas (minhas e dos alunos) histórias, experiências, interesses e objetivos de vida, de reflexões sobre ela e o ambiente escolar. Irene Tourinho parte do pressuposto que “[...] a docência é uma prática atrelada à pesquisa e, ao mesmo tempo, de que a pesquisa é uma prática que fundamenta, organiza e renova a docência.” (2013, p. 64).

Não podemos dizer que nossa prática não se constitui uma pesquisa, e vice-versa, já que o professor/aluno como ser que ensina também faz pesquisa e a pesquisa influi diretamente nesse ensinar. Problematizando, sistematizando e organizando o ensinar/aprender nos tornamos sujeitos pesquisador.

Tourinho ainda complementa anotando que “pesquisa, docência e experiência estética podem se imbricar de tal forma que se torna impossível dizer onde começa uma e termina outra” (2013,P.64).

OFICINAS DE CRIAÇÃO COLETIVA

As Oficinas não designam somente um espaço de *atelier* de arte, mas sim conjugam um *modus operandi* que pode ser transposto a diferentes situações, espaços e propostas. Apostam na transformação da convivência, em uma nova ética – a de experimentar a arte nos corpos e em uma estética, de qualificação da sensibilidade, reconhecendo na arte seu potencial pedagógico e operando através dela (MEIRA, 2001;2007).

Estamos no campo das artes, lidamos com pessoas e seus afetos, que tornam a tarefa de pesquisar bastante difícil, já que essa ação, neste campo, implica em transitar por “[...] curiosidades e sensibilidades que lançam professores e alunos em trilhas pouco conhecidas, em direções cobiçadas, ou ainda, em rumos nem sempre configurados” (MARTINS; TOURINHO, 2013, p. 61)

No enfoque metodológico das Oficinas de Criação, precisamos ter o cuidado de considerar todas as expressões dos alunos, verbais e não-verbais, levando em conta o que Morin, (apud MEIRA, 2013, p.38-9) alerta como sendo o *método* adequado, ou seja, aquele que deve evitar as fragmentações seculares entre homem e natureza, animado e inanimado, em que o mais importante é não o que ignoramos, mas a aptidão para pensar o que sabemos, para compreender e respeitar os *mistérios* e o caráter multidimensional do real. Para tanto, precisamos admitir o conhecimento comum e o poético, estabelecendo uma ciência que emergja da vida.

As Oficinas enquanto processo *metodológico* provêm o “como” poderemos desenvolver um processo de conhecimento em Arte, e não pode ser pensado fora de um processo pedagógico. Desenvolve processos pedagógicos em artes.

Um processo *pedagógico* prevê uma Ontologia (por que a Arte), uma Teleologia (um para quê da Arte) e um como mediar a construção de conhecimentos (DORNELES, 1996, s/p). Em arte, admite Meira (2013) ainda há que se dotar um conhecimento vivencial e experiencial, pois a experiência é a

vivência transformada em conhecimento quando passa pelo racional, transformando-se cognitivamente através da experiência estética. Necessita, portanto, do corpo. Passa pela avaliação, relação com as experiências passadas, pela projeção da vivência para futuras situações, relacionamento com as experiências de vida. Também prevê a exploração de materiais, a estruturação em conhecimentos que poderão ser transpostos a outras áreas, a aquisição de linguagens para transformar as matérias plásticas e os saberes não só na área profissional, mas para a vida. Um processo pedagógico em arte pressupõe a produção poética, a fruição, a construção de saberes, a reflexão (MEIRA, 2013).

As oficinas de Criação Coletiva se caracterizam em criar sentido através de acontecimentos do cotidiano, refletindo sobre os processos experienciados e os transformando em saberes, os recriando. A partir disso, aconteceram os registros em cadernos construídos para esse fim, chamados pelos alunos simplesmente de diários e por mim de diários a/r/tográficos, visto que seria necessário um conhecimento maior do assunto para propor as atividades.

As Oficinas como formas metodológicas de operação permitiram pesquisar o grupo retirando dados para a pesquisa, gestos, posturas, expressões, falas, movimentações. Elas se constituem em laboratórios pedagógicos de arte, de construção de sentido, de pesquisas de imagens, materiais, representações etc. Meira (2011; 2007) afirma que as Oficinas utilizam-se de momentos iniciais de sensibilização, depois de experimentação, de exploração, para depois, entrar no que a autora chamou de estruturação, seguida de um processo de reflexão. Esses passos estão no trabalho aqui descrito, embora nem sempre nessa ordem, ou nomeados explicitamente.

Essas duas formas de pesquisa, esses dois métodos me pareceram apropriados à tarefa de pesquisa para a construção da dissertação. As oficinas tiveram como base a estimulação dos sentidos e a educação do olhar, olhar esse que não se restringe, todavia, à visão, mas à transformação dos participantes de um modo global.

Atividades sensoriais com sons, tato, paladar, olfato, visão se miscigenaram para dar conta da percepção/(inter)relação com imagens, objetos e artefatos da Cultura Visual presentes no cotidiano desses alunos. Como, por exemplo, tomar consciência e discutir o gosto de determinado refrigerante, ou o

som de uma rede de televisão conhecida. As atividades serão documentadas também pelos próprios alunos, através da fotografia e do vídeo, registros que servirão como base para a problematização e a reflexão do grupo de estudantes envolvidos.

Quando Teresa Torres Eça (2013, p.77) pensa em educação das Artes Visuais, afirma não poder se permitir não considerar a importância das *narrativas visuais*, que podem completar ou serem completadas por outro tipo de narrativas. Ainda complementa que “[...] Imagens fotográficas e desenhos são fontes potenciais de dados, quer pela sua capacidade de ampliar e despoletar informações orais ou escritas, quer como documento para ser analisado recorrendo a métodos adequados”.

Como menciona Hernández:

Em um mundo dominado por dispositivos da visão e tecnologias do olhar, a finalidade educativa que proponho com a pesquisa com e sobre imagens a partir da Cultura Visual é explorar nossa relação com as práticas do olhar, as relações de poder em que somos colocados, e questionar as representações que construímos de nossas relações com os outros, pois, ao final, se não podemos compreender o mundo e intervir nele, é porque não temos a capacidade de repensá-lo e oferecer alternativas aos relatos naturalizados. (2013, p. 92)

Partindo disso, defini os pesquisadores, nesse caso aluno e professor, como *Bricoleurs*, já que usei diferentes metodologias. Esse conceito foi utilizado por Luisa Günther (2013, p.225) a partir do conceito de Levi Strauss. Afirma ela que uma atitude “bricolista” parte do pressuposto de que as teorias, técnicas e conhecimentos oriundos da experiência e processo da pesquisa devem ser interligados, que o domínio teórico não é decalcado, mas sim ligado diretamente ao mundo vivido. Por isso as metodologias devem estar integradas com os conhecimentos e experiências vividas, pois a teoria nunca é separada da prática. Para Luisa Günther (2013, p.223-24), “[...] o interesse da bricolagem para uma metodologia de pesquisa em Artes deve levar em consideração a dimensão autorreflexiva, as confissões subjetivas e as tramas conceituais sobre processos criativos”.

Os instrumentos de coleta de dados foram as imagens produzidas nas Oficinas, os registros escritos e imagéticos advindos das experiências com arte em diferentes linguagens (como fotografia, colagem poesia, música, entre outras), reunidas em um diário sobre seus cotidianos.

Os registros foram feitos da forma que nós (eu e os alunos) individual ou grupalmente, achássemos pertinente. A proposta inicial era de que pudessem ser escritos ou gravados, poéticos, narrativos, descritivos, metafóricos, feitos através de desenhos, fotografias, colagens, vídeos e até objetos.

As atividades foram documentadas também pelos próprios alunos, através da fotografia e do vídeo, registros que serviram como base para a problematização e a reflexão do grupo de estudantes envolvidos e também para essa dissertação.

As turmas às quais pertencem os alunos da investigação foram escolhidas por serem compostas de alunos da escola onde atuo que pude acompanhar como professora ao longo dos anos do Ensino Fundamental, conforme foram avançando em seus estudos, facilitando a comparação de resultados por estar familiarizada como seu desenvolvimento / crescimento.

A pesquisa ocorreu durante os 1º e o 2º semestres de 2017, em duas turmas de alunos com cerca de 50 jovens do 9º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 13 e 17 anos. Destes, foram selecionados trabalhos de cada turma de acordo com o envolvimento com as atividades propostas, bem como as reflexões feitas a partir do que foi desenvolvido em aula e suas experiências de vida.

O LOCAL DA PESQUISA: ESCOLA MUNICIPAL CIDADE DO RIO GRANDE – CAIC/ FURG⁹, RIOGRANDE, RS ¹⁰

⁹ CAIC é a sigla para Centro de Atenção Integral à Criança.

¹⁰ A cidade do Rio Grande, no sul do Rio Grande do sul, possui 207.036 habitantes (IBGE, 2014). Fundada em 1737 pelo brigadeiro José da Silva Paes, elevada à condição de *cidade* em 27 de junho de 1835, possui uma economia baseada na movimentação industrial principalmente pelo Porto de Rio Grande, o segundo em movimentação de cargas do Brasil, e à sua refinaria, a Refinaria de Petróleo Riograndense, antiga Refinaria Ipiranga Dados tirados do site: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/hist.html>



Figura 14: Imagem aérea do Campus da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Foto: Acervo da universidade disponível em <https://www.furg.br/bin/galeria/index.php>

A Escola Municipal Cidade do Rio Grande – CAIC/ FURG se localiza na periferia da cidade, dentro do *campus* da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Ela foi selecionada para a pesquisa em função de ser meu campo de atuação até o final de 2017 e também por já conhecer as turmas que participaram, já que as acompanho há três anos consecutivos.

Salienta-se que essa é a única instituição da rede pública mantida através de um convênio entre governo municipal e governo federal. Esse convênio propicia um maior envolvimento com os alunos da escola com professores e alunos da universidade, fazendo com que a troca de saberes e experiências sejam de fundamental importância tanto para os docentes quanto para os discentes.

Em Rio Grande, a escola iniciou suas atividades em 1994. O fato de ter sido construído dentro da Universidade possibilitou uma estrutura de funcionamento, bem como propósitos e ideias que se diferenciavam dos demais CAICs. Elucidando isso, cabe destacar o convênio firmado entre a Prefeitura Municipal do Rio Grande e a FURG para a criação da Escola Municipal Cidade do Rio Grande.

A Escola atualmente atende à Educação Básica, isso implica a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos. O público atendido, desde a sua fundação, é formado por moradores do entorno, crianças, jovens e adultos oriundos de três bairros diferentes, localizados nas proximidades. Possui 21 salas de aula, atende atualmente um total de aproximadamente 760 alunos no total. Atualmente, conta com 69 professores, um secretário, uma

bibliotecária, atendentes da Educação Infantil e monitores, vinculados à Rede Municipal de Educação de Rio Grande.

As problemáticas condições de vida de grande parte dos estudantes atendidos pela escola são latentes. Isso se manifesta na precariedade no que tange à inserção no mercado de trabalho, à vulnerabilidade em suas diferentes formas, à injustiça social e ambiental e a violação de direitos humanos básicos¹¹.



Figura15: Vista externa da Escola Municipal Cidade do Rio Grande – CAIC/FURG Foto: Acervo da pesquisadora, 2016



Figura16: Sala de Artes- Escola Municipal Cidade do Rio Grande – CAIC/FURG Foto: Acervo da pesquisadora, 2016.

¹¹ Informações contidas no Projeto Político Pedagógico da escola disponível no site: www.Caic.furg.br

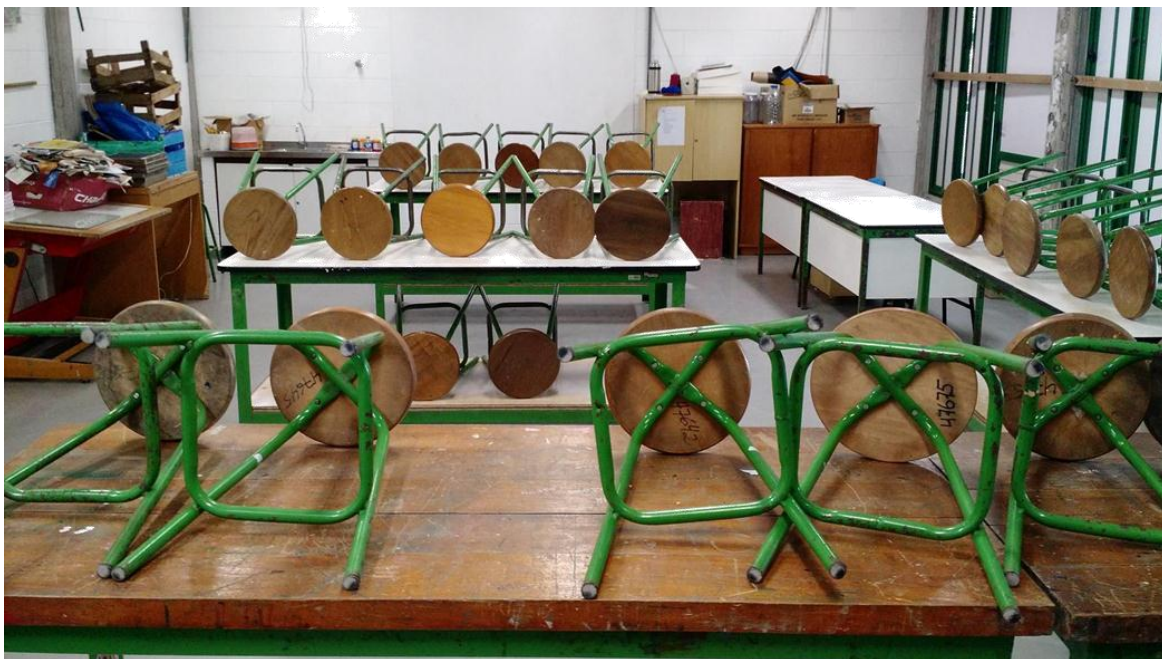


Figura17: Sala de Artes- Escola Municipal Cidade do Rio Grande – CAIC/FURG Foto: Acervo da pesquisadora, 2016.

HETEROPERCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO DA VISUALIDADE E BUSCA DE SENTIDOS

O início da pesquisa se deu no segundo semestre letivo de 2017 e tinha como objetivo dez encontros. Como já mencionado, ao longo das oficinas, temas transversais apareceram, e foi impossível não abordá-los. Sendo assim, as oficinas duraram até o final do ano letivo, culminando em vinte encontros, e ainda foram coroadas com uma exposição dos trabalhos dos alunos e de suas reflexões.

A reflexão geral das oficinas, que a aproxima de um processo de Educação Estética, foi discutir a percepção que temos de nós mesmos, a relação que temos com o que consumimos, o que consumimos, se de forma consciente ou não, e que reflexos isso tem em nosso dia a dia, em nossa percepção de mundo, em nossas liberdades, em nossas cidadanias.

O objetivo das oficinas foi trabalhar a auto e a heteropercepção, a construção da visualidade, a busca de sentidos e a reflexão sobre o mundo que temos e o que queremos construir através da:

Descoberta de si
Descoberta do outro
Descoberta do símbolo
Descoberta do universo cultural = Rio Grande/RS /Brasil
Descoberta do universo remoto = Tempo/espço¹²

Os objetivos das Oficinas e da pesquisa eram a produção de novos sentidos sobre o ser e estar no mundo que fabricamos e a construção de saberes em arte, através das imagens. Também a reflexão, do grupo, através dessas imagens, sobre seus costumes, que esse grupo se tornasse questionador, mudasse seus hábitos e atitudes, emitisse opiniões acerca do que produz e do que recebe dos diversos meios imagéticos, tecnológicos etc.

¹² Foi utilizado aqui um quadro de referencia de Marly Meira (1992).

Relato de Experiências 1: Programa de Artes Visuais. In: **Educação para Crescer. Cadernos PAARH**,. Porto Alegre:Secretaria de Estado da Educação , 1992.

AS OFICINAS

Das oficinas, que foram planejadas para dez encontros e duraram o dobro de tempo, relatarei apenas os momentos relevantes. Iniciaram-se no dia 31 de julho, quando os alunos receberam os cadernos que seriam usados como diários, e foi dada a liberdade de registro conforme achassem pertinente. As capas foram feitas em aula, utilizando desenhos, colagens, aplicações e tudo o que achassem apropriado, de acordo com imagens, formas, palavras que fizessem parte do cotidiano deles.

No início dos registros, muitos diários ficaram restritos à linguagem verbal, sendo necessário um tempo para a readaptação dos alunos para terem de fato liberdade de expressão- da forma que quisessem, e não da forma que acreditassem que um professor gostaria de receber, conforme expressão deles mesmos.



Figura 18: Imagem dos diários. Rio Grande, 2017. Foto: acervo da pesquisadora.



Figura 19: Imagem dos diários. Rio Grande, 2017. Foto: acervo da pesquisadora.

Utilizamos, de um lado, as imagens com a orientação o entendimento proposto por Roland Barthes (1990, p. 27-8) no que concerne à imagem como *representação*, especialmente a imagem publicitária: uma imagem que está sempre carregada, intencionalmente, de sentidos *francos e enfáticos*. De outro lado, as imagens serão tratadas para além da representação, através de seu desmantelamento e ressignificação, como metafóricas, ambíguas, obtusas, sem limites precisos entre *realidade e ficção*.

Conforme define Barthes (1990, p.36), na fotografia

[...] a semelhança do objeto real deve-se à realidade de que, para a foto ter acontecido, esses objetos estiveram presentes, existiram, nem que tenha sido por um curto espaço de tempo, no local descrito na fotografia". Não podemos esquecer que, apesar de *representar* o real, ela é manipulada por seu autor, seja pela escolha do objeto, pelo corte, enquadramento, edição, cor, ângulo etc., e, por mais que a intenção seja transmitir uma suposta *realidade*, há essa sempre uma *escolha* que influencia o objeto final, que é o olho de quem vê.

A imagem, portanto, se constrói, assim, transversalizada pela fotografia que, na atualidade, exerce a capacidade de *convencimento e manipulação* de massas que as imagens trazem, capazes que são de *substituir* realidades, modificar pensamentos e determinar escolhas. Daí a importância de seu estudo na escola.

Imagem, do latim *imago*, inicialmente se referia às máscaras mortuárias usadas nos funerais na antiguidade romana (JOLY, 1996, p. 18). Os artistas da época foram os primeiros a perceber que ela exercia, subliminarmente, muita influência sobre as leituras de mundo. Ao longo do tempo, o homem deixou esses vestígios de sua existência nessas imagens, seja em cavernas ou artefatos de uso diário, que tem permitido conhecer alguns aspectos das civilizações antigas.

Muitas vezes, devido à grande quantidade de imagens e informações visuais às quais somos submetidos diariamente, a cognição se faz somente pela visão, em detrimento dos outros sentidos, servindo de sensor responsável por separar o que devemos ler e apreender daquilo que não deve ser lido e aprendido.

O papel da arte na Cultura Visual e na Educação não se restringe a perceber, contemplar, criticar o refletir sobre as imagens, mas *produzi-las* (MEIRA; MEIRA, 2014, p.65), resgatando o fascínio que produzem em sua manipulação e envolvimento corpóreo.

Interessou para essa pesquisa e para esse trabalho em especial, entender que compete a quem educa compreender *o que torna uma imagem uma experiência estética, como a arte é capaz de fazê-lo* e como permite *reencontrar experimentações que permitam explorá-la, sensibilizar-se e estruturá-la*. Pois uma imagem nunca é apenas visual, “[...] mas engendra algo que convoca a sair da inércia, a embarcar nela, penetrar em sua potência, o que demanda uma certa *vulnerabilidade de ser violado, atravessado, seduzido, levado por ela*” Idem, *ibidem*).

AUTORRETRATO

Na primeira aula, que abordava a temática “Descoberta de si”, como forma de sensibilização, assistimos o documentário “Criança a alma do negócio”¹³.

Enquanto os alunos assistiam o documentário, foi possível notar sua inquietação. Sentiam necessidade de comentar o vídeo, mesmo sabendo que após faríamos uma

¹³ Ficha técnica: Criança, a alma do negócio (Original); Ano produção: 2008; Dirigido por: Estela Renner; Estreia: 1 de Janeiro de 2008 (Brasil); Duração: 49 minutos; Gênero: Documentário; Países de Origem: Brasil.

No documentário Criança, A Alma do Negócio, a cineasta Estela Renner analisa os efeitos que a mídia de massa e da publicidade tem em relação às crianças e como essa indústria descobriu que elas são o melhor alvo para vender um produto. Além de ouvi-las, o filme conversa com os pais, que relatam o quão influentes seus filhos são dentro de casa e o quão isso tem ligação com as propagandas, bem como ouve especialistas, que debatem os efeitos negativos dessa exposição.

roda de conversa - que teve que ficar para a próxima aula, pois havia acabado o tempo.

No segundo encontro, retomei alguns aspectos do documentário com eles, e, agindo de forma exploratória, perguntei o que teria lhes chamado atenção e o que destacariam do filme. Surgiram muitos assuntos, como o uso da imagem da mulher pela mídia, o papel de cada pessoa na sociedade e a manipulação que a TV exerce na nossa mente.

A respeito dessa manipulação, manifesta-se Paul Duncum (2011, p.65), para que, esta extrapola a TV, sendo, na verdade, o próprio capitalismo, “[...]um poderoso regime visual (...), [que], ao mesmo tempo em que atrai, desestabiliza e direciona os modos de ver, naturaliza os desejos e expectativas de consumo”.

Nesse momento, destaco a importância da fala de um aluno G.S. que diz:

Corroborando esse pensamento, Novaes (2005), ao realizar uma reflexão acerca de nossa sociedade, afirma ser ela *cética*, aparentemente não acreditando em nada além das *imagens que se oferecem como suporte para o ser*.

Os participantes entenderam que tinham que compreender o que consumiam e se tinham necessidade de tais produtos, como suas vidas eram afetadas por esse consumo, como modificam e induzem comportamentos.

Debatemos a Cultura Visual, na perspectiva de que esta busca levar à reflexão de que existe “[...] uma cultura alienante e individual se utilizando dos objetos visuais e da nossa forma de olhar esses objetos”. Por isso mesmo é que se torna importante olhar esses objetos,, e perceber “de onde” os estamos olhando.

Erinaldo Alves do Nascimento (2011 p.215) pondera sobre isso quando alerta sobre as *interpretações* desencadeadas pelas imagens como aquelas que justamente: “[...] por estarmos acostumados com elas, não as percebemos, porque foram ou estão sendo culturalmente ‘naturalizadas’ ou ‘normalizadas’, como padrões de pensamento a serem seguidos.”

Por essa razão tornou-se tão significativo perceberem a influência que os comerciais¹⁴ e propagandas têm, pelos produtos ou imagens de pessoas que utilizam de forma nem sempre “verdadeira”, já que a imagem vendida pela mídia é sempre uma imagem positiva e bonita.

As imagens utilizadas nesses veículos, assim como as marcas, exercem um fascínio capaz de levar à alienação, segundo Novaes (2005) . Os grandes meios de comunicação interpelam a massa, atingindo uma multidão que consome passivamente as marcas anunciadas. Essas imagens são anunciadas por “ninguém” que detém o poder invisível de induzir ao uso do que propõem. Não sabemos *quem* detém o poder da imagem sobre nós.

Além disso, esta é capaz de atingir a todos, fazendo com que cada sujeito acredite ser especial e único para a marca, quando na verdade essa cultura de massa visa à popularidade e conseqüentemente o lucro. Isso se dá pelo processo de identificação que ocorre através da imagem, muitas vezes atrelada à imagens dos ídolos de massa, que inspiram à vida perfeita (idem).

¹⁴ Comerciais sempre vendem algum produto ou serviço, enquanto que propaganda vende ideias ou ideologias.



Figura 20: Imagem realizada no intervalo da escola com a faixa do “Luan Santana¹⁵”. Rio Grande, 2017, cedida para a pesquisa por F.A.

O trabalho dos ídolos de massa, por sua vez, consiste em “[...] viver uma vida glamurosa (tão empobrecida quanto a de todos nós) e oferecer valor de humanidade para nosso consumo em forma de imagem (NOVAES, p. 241).

Como conversa a aluna S.M¹⁶ :

¹⁵ Cantor e compositor brasileiro que teve o auge da sua carreira iniciando no ano de 2009.

¹⁶ A aluna em questão é de descendência afro, com cabelos crespos.

Essas afirmações contemplam o fato de que seja “[...] possível que a experiência estética desperte em cada um de nós protótipos mentais concretos (...)que se liguem a nossa história pessoal, nosso nível de escolarização, a cultura que tivemos em casa, na rua, no trabalho”. Observamos isto nas relações entre o grupo. Essa experiência, para a autora, refere-se “[...] à capacidade de fruir prazer e dar prazer a alguém. Este pode ser uma experiência epifânica ou simplesmente trivial, mas sempre um fato que carece discernimento quanto ao caráter relacional do evento” (idem, ibidem).

Pudemos observar nos debates dessa Oficina as ideias que Marly Meira (2014, p.59) traz sobre o prazer, ainda não totalmente desvirtuado “[...] pelo sexismo que é apresentado de modo banalizado nos meios de comunicação”. Esse prazer que a escola deve preservar ou transformar não só nas aulas de arte, mas na forma de uma Educação Estética, “[...]extremamente importante no ato de aprendizagem formal da escola (...)responsável pela construção do imaginário de professores e alunos, e, por extensão de tudo o que dela sai para ser partilhado socialmente”.

Conforme analisa Marly Meira, toda a experiência cognitiva “[...] está carregada de afetividade e esta provoca satisfação ou in-satisfação, que vai influir na postura estética de cada um, sua abertura ou resistência ao que lhe acontece, a atitude positiva ou negativa frente aos estímulos do meio”.

Para satisfazer os desejos criados pela sociedade capitalista, entregamos parte de nosso tempo acumulação de bens, para suprir a um desejo viabilizado pelas imagens. Essas por sua vez, são pensadas para serem sedutoras e fazer com que pensemos que *precisamos possuir* determinado bem. É a identificação com o ídolo, imaginando que por consumir determinada imagem/produto se terá a vida perfeita dele (NOVAES, 2005, p.241).

Partindo disso, a atividade proposta no diário foi a “Descoberta de si”: uma reflexão através de um autorretrato. Muitos alunos fizeram seu autorretrato baseado somente na forma física, alguns usaram até espelhos, outros alunos enfatizaram aspectos emocionais e psicológicos.

Começaram a aparecer alguns aspectos relacionados às sensações como o cheiro e a audição.

Até esse momento, foi muito difícil desvincular os alunos do texto escrito, pois a maioria dos trabalhos foi uma descrição de sua forma de ser.

Aqui foi que percebi a importância tamanha de trabalhar com a imagem, pois “[...]uma boa imagem é inesquecível, e dispensa explicações. Uma palavra oportuna carrega consigo um desejo de cercá-la de cuidadosas imagens, para que seja retomada” (MEIRA, 2014, p.60).

Constatei o quanto nossas Oficinas seriam uma espécie de *ferramenta*, daquelas que “[...] existem para ajudar o corpo a se ver melhor com suas práticas. Na escola esquece-se ser o corpo a mais extraordinária ferramenta para a ação”. Dessa forma, trabalhar o autorretrato com eles pode ser uma forma afinar o corpo, como um instrumento, como uma forma de “[...] deliciar o ouvido para sutilezas inesperadas, agradar o olhar para passear por lugares não tocáveis ou não tocados”. Pois “[...]. Não exploramos o suficiente as ferramentas corpóreas de modo lúdico, prazeroso, embora a sociedade já tenha se antenado para esses prazeres, sempre pensados como negócio rentável” (idem, ibidem), como já demonstrei acima.

Abaixo, alguns exemplos da sobre as imagens que, no decorrer da história das civilizações, sofreram alterações, em consonância com as socioculturais, associadas às atualizações tecnológicas que, por sua vez, incitaram à ampliação e multiplicação de suas funções socioculturais. Além de objetos de estudo por seu valor histórico e memorial, percebemos o quanto as imagens compõem e conformam as realidades de grupos sociais e, conseqüentemente, interferem em seus critérios, crenças, valores e identidades.



Figura 21: Autorretrato. Rio Grande, 2017, retirado do Diário A/r/tográfico de G.P. Foto: acervo da pesquisadora.



Figura 22: Autorretrato do aluno N.G. Rio Grande, 2017, retirado do Diário A/r/tográfico. Foto: acervo da pesquisadora.

No autorretrato acima (fig. 21) o aluno G.P o representou com o estilo em que chega à escola todos os dias: de fones de ouvido, em volta. Colocou itens que fazem parte do seu cotidiano, entre eles um livro de matemática, o controle do *vídeogame*, a bola de futebol, e, para complementar a informação uma camiseta do time de futebol brasileiro. Além disso, ele anexou a fragrância do seu perfume favorito, indicando que o perfume faz parte da sua personalidade e essência. Esse anexo se deu sob a forma de um plástico resistente, colado da folha do diário e entre o plástico e a folha continha a fragrância utilizada pelo aluno.

Assim como é usado em livros que vendem cosméticos, como Avon e Natura¹⁷.

Já no autorretrato do aluno N.G. (fig.22) se auto desenhou exatamente com as suas principais características de óculos e aparelho dentário, e anexou ao fundo

¹⁷ Marcas conhecidas popularmente por venderem cosméticos e maquiagens através de pequenos livros ilustrativos

o personagem de *Videogame* preferido, e, ainda se representou com a camiseta do time de futebol argentino, que segundo ele, é seu preferido. Todavia, além de desenhar ele sentiu necessidade da escrita, explicando o que era o desenho, como se a imagem necessitasse de explicação.

Foi preciso então que entendessem, e aqui me auxilia Marly Meira (2014, p.56), que “[...] *falar, escrever não é o mesmo que ouvir e ver, tocar e manipular materialidades e simbolismos*”. Que “[...] *os fatos estéticos não podem ser totalmente explicados, pois sua gestalt se altera ao ser fragmentada em análises e referências alheias a quem os vivencia*”. A relação estética não pode ser traduzida, afirma a autora, pois, “[...]quem consegue descrever a força de um abraço, num momento de crise, paixão ou mesmo solidariedade, compreensão?”

Assim como ele, o aluno que fez a imagem abaixo que se representou por um pedaço de seu cabelo. Até o ano passado, o aluno C.M usava o cabelo raspado e dizia que tinha o cabelo assim porque seu cabelo era “ruim”. Ao longo do ano letivo, ele foi deixando crescer, em pouco tempo estava com o cabelo chamado “Black Power¹⁸” que caía nos olhos. Durante uma conversa com a turma, afirmou estar que estava usando esse cabelo, pois era o que tinha e não tinha motivo para ter vergonha, e ainda complementou: “E daí que meu cabelo é assim?”. Ao longo do ano, o aluno se sentiu confiante e descobriu sua subjetividade. Essas atitudes mostram o quanto foi importante falar sobre preconceito, etnia, respeito e diferença. O aluno se sentiu livre pra ser quem ele é sem os estereótipos impostos pela mídia e consequentemente da sociedade.

A esse respeito, manifesta-se Paul Duncum (2011, p.18), ao se referir ao colapso das autoridades socialmente tradicionais, como as igrejas, os governos, a família. Afirma ele que agora nossos conceitos são ditados pela mídia, que nos diz o que é certo e o que é errado, e o que devemos ou não consumir, já que controlam nossas visualidades. Esse autor relaciona esse sentimento ao fato de que “[...] as novas tecnologias têm promovido uma saturação da imagética sem precedentes [sob] uma economia capitalista [que] requer bens efêmeros para sua própria sobrevivência”. Nós humanos, assim, dependemos cada vez mais da economia, à

¹⁸ Poder negro (tradução livre da pesquisadora)

deriva que estamos, “[...] sem referências que guiaram nossos antepassados, para desenvolver valores normativos que norteiem nossas vidas” (idem, p.19).

Adauto Novaes (2005, p.238) chama a atenção para o fato de que “[...] a riqueza que a mercadoria concentra é extraída do tempo de vida de um sujeito [que], despossuído de qualquer outro bem, teve de entregar *livremente*” esse tempo ao capitalista, “[...] para garantir sua sobrevivência, e assim continuar vendendo seu tempo e produzindo mais mercadorias”. E nessa sociedade da mercadoria, o sujeito não é o homem, mas “[...] o valor e a mercadoria, o dinheiro e o capital, o mercado e a concorrência. São essas criações do homem que governam a sociedade humana, sem que nela exista sequer a consciência desse fato”. (NOVAES p.268)

As imagens, por sua vez, são as próprias mercadorias, muitas vezes não consumimos pelo produto, mas pela imagem que nos é transmitida. O poder que as imagens têm encobrem o sistema mundial, gerado pelo capital.

Em nossa sociedade capitalista *imagética*, temos contato com inúmeras imagens em diversos meios de comunicação, e estas podem induzir a comportamentos em geral reprodutivos. O papel da arte aí, e da Educação Estética, seria facilitar decisões mais conscientes, impedindo sua As imagens, por sua vez, são as próprias mercadorias, muitas vezes não consumimos pelo produto, mas pela imagem que nos é transmitida.

O poder que as imagens têm encobrem o sistema mundial, gerado pelo capital.



Figura 23: Pedaco do cabelo do aluno C.M. Rio Grande, 2017 ,retirado do Diário A/r/tográfico. Foto: acervo da pesquisadora



Figura 24: Imagem do Autorretrato EQ. Rio Grande, 2017 retirado do Diário A/r/tográfico.
Foto: acervo da pesquisadora.

A história dessa aluna e consequentemente o diário a/r/tográfico foi um dos que mais me surpreenderam, pois apesar de ter convivido com ela na sala de aula, não sabia tudo que ela passava e sentia. Quando visualizei essa primeira atividade, o autorretrato, comecei a suspeitar de que havia alguma antipatia da aluna E.Q. pois embaixo do desenho ela escreveu que o desenho seria “a cara dela” para algumas pessoas da turma. Percebi uma violência subentendida, aqui. Pode-se compreender com Meira e Pilotto (2010, 15) que, paradoxalmente, “[...] expor-se a padecimentos e violências faz parte da aprendizagem com a arte, assim como indignar-se, sentir inveja, ressentimento, dúvida. Sofrer, viver perdas, silêncios e ausências, nos leva a compreender-nos por meio de experiências estéticas, tanto quanto a beleza e a felicidade”.

Somos seres que vivemos em estados múltiplos, e essas formas “[...fazem parte da duplicidade, da multiplicidade de estados de ser, com intensidades que variam de profundidade, modelação espacial e modulação temporal”.

A relevância dessa atividade reside no fato de que afinal “[...] o corpo pede que se prove e aprove aquilo que o afeta, desde a mínima à máxima percepção. As vivências relacionais são indicadoras de afecções”, e marcam um ponto de encontro de diferentes funções e ações, trazem à consciência o fato de que “[...] se está pleno e vivo naquilo que se pensa ser” (idem, ibidem)

Pensando nisso, vi como essa aluna se esmerou em fazer seu desenho, e foi incrível a semelhança de sua expressão com o desenho. Mesmo sem saber de quem era a autoria, descobri a semelhança com a expressão facial da aluna.

Ao longo do ano letivo, o diário nos aproximou, e, de alguma forma, passei a ter conversas periódicas com a aluna, que paulatinamente passou a relatar seus pensamentos, angústias, (des) afetos e atos. Além de registrar no seu diário, ela sentia necessidade de dividir o que sentia¹⁹.

Entendi o quanto no ambiente escolar são construídas essas relações, “[...] de alegria e tristeza, competição, frustração, entre tantos outros sentimentos, que formam as redes de emoção”. Compreendi a importância de alimentar constantemente essas redes com laços afetivos, “que envolvem os aspectos cognitivos e sensíveis”(MEIRA;PILOTTO, 2010, p.15-6).

¹⁹ Falarei mais sobre isso no capítulo intitulado “Reverberações”, “Caso 141”.



Figura 25: Declaração de Nascido Vivo de F.A. Rio Grande, 2017, retirado do Diário A/r/tográfico.
Foto: acervo da pesquisadora

A aluna da imagem acima entregou no seu diário A/R/Tográfico um envelope com fotos da sua infância e uma certidão de nascido vivo²⁰. Segundo ela, aquele pedaço de papel tem uma importância *gigante* para ela e sua família, pois sua mãe teve muitas complicações durante o parto, inclusive os médicos duvidavam que a aluna resistisse a força que o bebê faz durante o nascimento.

Pelas complicações durante a sua gestação, a aluna possui problemas que carrega até os dias de hoje, como anemia, desmaios frequentes, e, por último, descobriu que possui a doença Diabetes Mellitus, sendo obrigada a fazer aplicações frequentes de insulina. Mesmo com todo esse histórico, ela e a família exibem, orgulhosos, a declaração de nascido vivo.

Compreendemos, a partir desse gesto, o que garante Aumont (2007), que a imagem depende de um corpo, pois tem por função primeira de garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual, desempenhando um papel

²⁰ Declaração de nascido vivo é expedida em todos os hospitais públicos e privados e serve como documento oficial até o bebê ter a certidão de nascimento. Fonte: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/06/declaracao-de-nascido-vivo-e-emitida-apos-o-parto>. Último acesso em 21/04/2018.

de descoberta desse visual. Para ele, não há imagem sem a percepção de uma imagem, pois ela depende do espectador que a compreende a partir de uma relação múltipla vinculada a um contexto, às capacidades perceptivas, saberes, afetos e crenças dos sujeitos.

A MULHER

No dia 14 de agosto, retomamos a conversa da última aula, e os alunos começaram a expor imagens que tinham levado. Muitas das imagens que apareceram foram relacionadas a comerciais de cerveja, já que quase todas usam o corpo feminino para vender.

As reflexões posteriores nos levaram a concluir que sofremos hoje um bombardeio visual constante de informações, que “[...] confunde limites entre o real e a ficção, produzindo incessantemente cenários, espetáculos e tramas de significações” que “[...] se fazem e desfazem, dificultando converter informação em conhecimento. O desafio que tais mobilidades apresentam é, sobretudo, ético e político. Para seu alinhavo, uma *estética relacional* é fundamental” (MEIRA, 2010, p.78).

As imagens que foram problematizadas nessa Oficina nos levam à ponderação do quanto o olhar pode se excitar e se encher de expectativa diante de mercadorias – visíveis e visualizadas –que prometem satisfazer o desejo, mas o que de fato excita é a promessa de satisfação que, em princípio, se realiza através da aquisição da mercadoria. (DUNCUM, 2011,p 65).

Os meios de comunicação de massa, ao realizarem os comerciais, utilizam-se da metáfora da garrafa parecer um corpo de mulher, que tocamos nas curvas da mesma, e dentro é gostosa, dá prazer. Discutimos o quanto é conveniente lembrar que o corpo “[...]tem ritmos, funções, modos de organizar as experiências compatíveis com seus limites e possibilidades e que a criação mobiliza forças e formas de comportamento”, e essas formas “[...] podem, ou não, estender possibilidades e romper com limites, dentro dos quais os estereótipos, as convenções práticas e teóricas” que se aninham para resguardar as experiências” praticadas (MEIRA; PILOTTO, 2010,p.102).

A racionalidade dos nossos tempos, para essas autoras, *calou o saber do corpo* e, conseqüentemente, o saber da imaginação, das imagens, dos regimes de visibilidade, sendo vetada toda e qualquer forma de comunicação que advenha da arte, em detrimento do racional e objetivo. Nossa sociedade é produzida para saciar desejos e criar novas necessidades, o tempo presente, da comunicação e de sua considerável evolução, apresenta realidade e ficção como unívocos e impõe a máxima do “consumo, logo, existo”.

A maioria das imagens veiculadas nos comerciais de cerveja que os estudantes levaram era com a atriz Juliana Paes²¹, pois no documentário visto na aula anterior uma menina grávida entrevistada menciona a atriz, dizendo que gostaria de ter um “corpão” como o dela. Na época do documentário, no ano de 2008, a atriz estava sendo lançada na mídia, e continua fazendo sucesso até os dias de hoje.

Durante o debate, alguns alunos chegaram à conclusão de que as mulheres não tem que servir os homens seja sexualmente ou com afazeres da casa, que nem todas as mulheres tem o corpo ideal como a mídia diz que devem ter e que todas as mulheres tem algum tipo de beleza. Além disso, o aluno C.G. mencionou:

²¹ Juliana Paes ficou conhecida por interpretar a empregada Rita em *Laços de Família*, a manicure Jaqueline em *Celebridade*, a evangélica Creusa em *America*, a princesa amaldiçoada Teiniaguá em *A Casa das Sete Mulheres*, a sofredora Gui em *Pé na Jaca*, a indiana Maya em *Caminho das Índias*, a sensual protagonista de *Gabriela*, a bondosa Madame Catarina em *Meu Pedacinho de Chão*, a ambiciosa Carolina em *Totalmente Demais*, a jovem Zana em *Dois Irmãos* e a traficante Bibi Perigosa na novela *A Força do Querer*. Todas novelas da Rede Globo de Televisão, além disso, ela participa de vários comerciais de Tv.



Figura 26: Imagem trazida pelo aluno G.G. Rio Grande, 2017. Foto: acervo da pesquisadora.



Figura 27: Imagem retirada da internet pelo aluno N.A. Rio Grande, 2017. Foto: acervo da pesquisadora.

Então aproveitei a deixa e questionei o ideal de corpo atual em contraste com o apresentado na obra renascentista “Nascimento de Vênus” (1485) de Sandro Botticelli. Expliquei que nesse período as mulheres eram retratadas longos cabelos, formas roliças e voluptuosas e até uma *barriguinha* saliente.

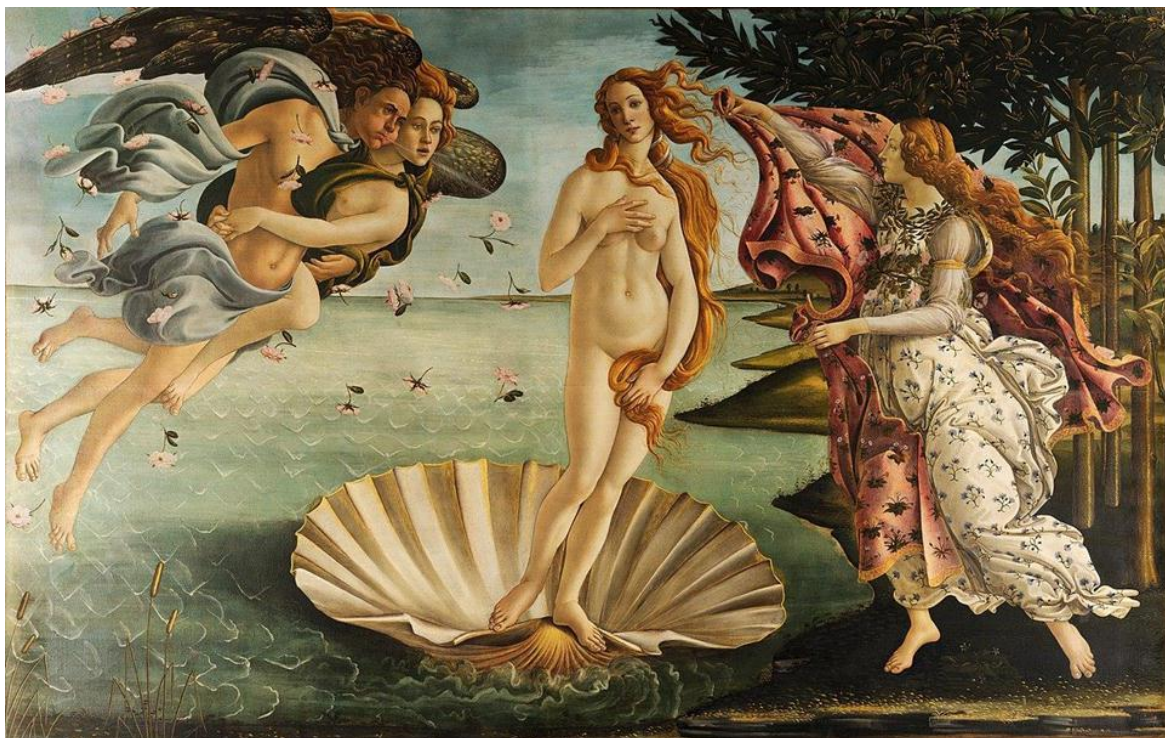


Figura 28: O Nascimento de Vênus, c.1484, 172,5 x 278,5 cm, têmpera sobre tela, Galleria degli Uffizzi, Florença, Itália.

Os alunos concluíram que o ideal de beleza tem sido ditado de acordo com a época, que é arbitrário, e tem sido ditado pela mídia, visto que nas propagandas, novelas, revistas, há sempre uma mulher magra, alta e de cabelos lisos. E que fora desse ideal, na mídia televisiva, por exemplo, elas são excluídas, secundarizadas, rechaçadas ou tem papéis ridicularizados ou engraçados.

Enquanto mediadora desse conflito dos alunos sobre a beleza, sai da sala de aula com a sensação de dever cumprido, pelo menos naquele momento.

É notável o quanto somos aprisionados por esse ideal de beleza construído pela mídia, ainda mais o sexo feminino que é bombardeado por uma série de regras, limites e padrões.

Tratar desse assunto com os alunos e as alunas e perceber que eles refletiram com o assunto fez bem não só para a professora pesquisadora que mora em mim, mas também a mulher e o ser humano.

Debatemos o quanto é sério discutir a visualidade hoje, na escola, assim como a Cultura Visual que, segundo Belidson Dias pode ser educada, e educá-la destaca *múltiplas representações visuais do cotidiano* “[...] como os elementos centrais que estimulam práticas de produção, apreciação e crítica das artes e que desenvolvem cognição, imaginação, consciência social, e sentimento de justiça”. (2013 p.15).



Figura 29: Reflexão sobre o ideal de beleza da aluna E.Q. Rio Grande, 2017. Foto: acervo da pesquisadora.

A imagem acima vem acompanhada da história da aluna que sofre de bulimia, entre outros problemas, e algumas semanas antes de realizar o desenho tentou, segundo depoimento a mim concedido, cortar a barriga com uma tesoura. A família só percebeu dias depois do ocorrido, quando notou as marcas no corpo da jovem que, além disso, faz tratamento psicológico, em decorrência das tentativas de suicídio durante o final de 2016 e início de 2017. No capítulo intitulado *reverberações* trato desse assunto mais profundamente.

A imagem abaixo mostra a afirmação da aluna quanto aos seus cabelos, sendo esse um dos principais sinais do preconceito racial. É contraditório que isso aconteça em um país em que a maioria da população, 56,5%²², vem de descendência africana.

A imagem traz um autorretrato com os cabelos crespos soltos e as seguintes frases: “Verdadeira amizade” referindo-se a própria aluna e seu cabelo e depois uma frase de afirmação “Sou cacheada”. Dessa forma a aluna representou sua imagem de mulher/menina negra cacheada e sem vergonha desse fato.

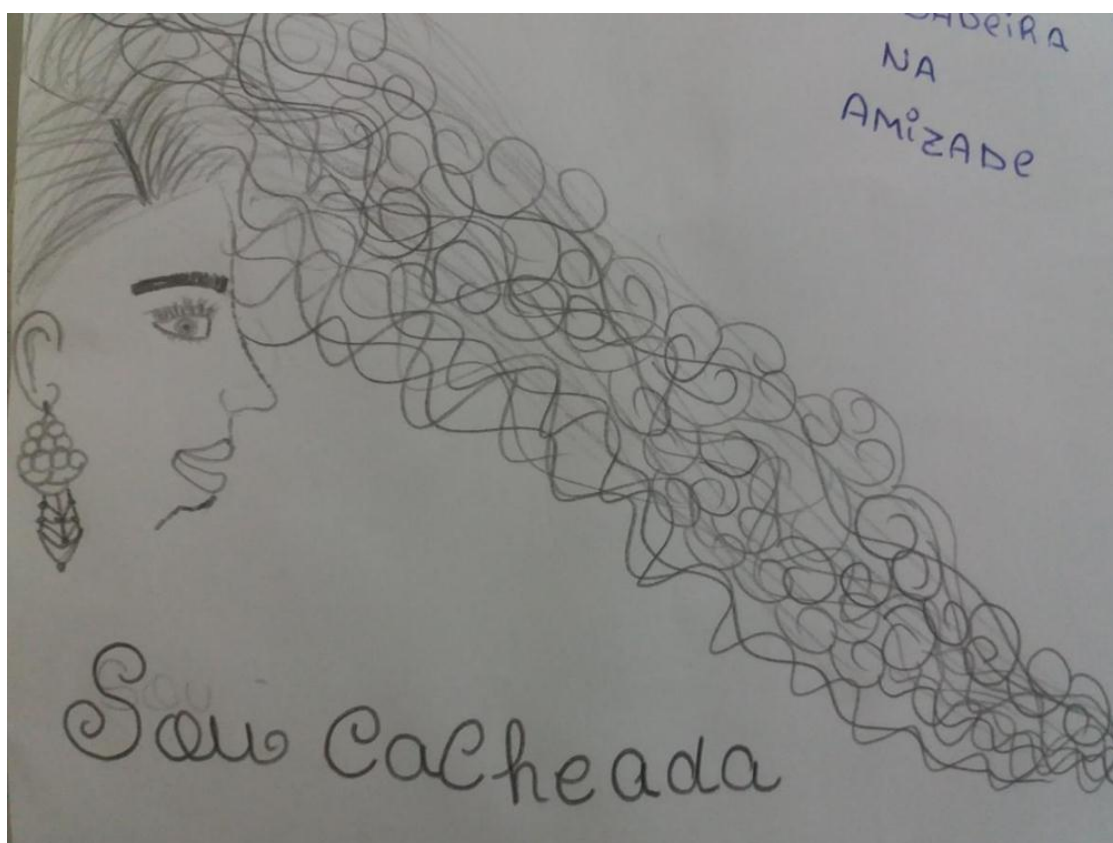


Figura 30: Imagem do Autorretrato K.M. Rio Grande, 2017. Foto: acervo da pesquisadora.

²² Fonte: <https://www.ibge.gov.br/index.php> último acesso em 21/04/2018

Além das imagens gráficas, os alunos trouxeram clips e letras de músicas como essas, “O Rabetão”, de MC Lan²³. Nesse caso eles problematizaram o fato de eles cantarem e dançarem músicas sem pensarem no que estavam fazendo. A turma percebeu que esse tipo de letra ofende qualquer mulher e que cantar propagaria essa ideia. Também refletiram sobre o clip da música. Anexei uma imagem²⁴, abaixo (fig.31). Nesse *clip* há uma menina com roupas curtas e justas se insinuando para o rapaz, o cantor. Os alunos chegaram à conclusão de que as roupas da menina não justificam a falta de respeito presente tanto no clip quanto na letra.

²³ Mc Lan é produzido por KondZilla, um dos maiores produtores musicais nascido na periferia de São Paulo produziu mais de 570 videoclipes, sendo que a conta do YouTube de sua produtora possui mais de 27 milhões de inscrições e 13 bilhões de exibições. É responsável pelo sucesso de vários Mcs e pela propagação do Funk no país, atualmente possui até uma linha de produtos, dita tendência na moda e nos costumes dos jovens.

²⁴ A imagem é do Cd de divulgação do cantor Mc Lan, também é a imagem de um fragmento do videoclip. KondZilla é o nome artístico de um roteirista, produtor musical e diretor artístico, proprietário de uma gravadora de vídeos, sendo responsável pelo sucesso do funk paulista,.



Figura 31: Imagem de divulgação do clip “Rabetão”. Disponível em <http://www.kondzilla.com/> acesso em 17 de novembro de 2017.

Os alunos também trouxeram essa música: “Vai namorar comigo sim”, de Henrique e Juliano²⁵. Alguns colegas não entenderam o motivo de levar essa letra para aula. Deixei então a aluna explicar seu ponto de vista.

Segundo S.M., a música de Henrique e Juliano desrespeita a mulher tanto quanto a música do MC Lan, e que, embora o estilo de música seja diferente, o fato de um homem pensar que a mulher tem que fazer o que ele quer é agressivo também.

Esse pensamento causou polêmica entre os alunos, porém, no final da discussão, chegaram à conclusão de que estavam tratando as letras das canções diferentes por estarem sendo preconceituosos com o estilo musical. Também mencionaram o fato de termos muito mais músicas/clips de funk agressivos do que outros estilos musicais, mas que o desrespeito contra a mulher pode aparecer em qualquer lugar até em uma música aparentemente romântica.

As duas músicas citadas acima constam no pen drive,
juntamente com o clip.

²⁵ Dupla sertaneja do Estado de Tocantins

Após escutarmos e vermos vários exemplos discutimos a forma com que as mulheres são colocadas na mídia. Foi importante que entendessem que a interpretação das imagens, tanto gráficas quanto sonoras, dependem do contexto em que foram expostas, e que de alguma forma se relacionam a outros textos culturais, com conexões infinitas e variáveis.

Eça (2013, p 78).contribui para esse pensamento quando afirma que, como produtores de imagens, sabemos que “[...] as imagens não surgem do nada e proporcionam associações infinitas de formas e significados”, e, do mesmo modo, “[...] como leitores de imagens, sabemos que o expectador faz associações com as imagens de acordo com seus próprios interesses e conhecimentos, isto é, recria as imagens”.

A aluna trouxe essa música relatando que se sentiu desrespeitada por um homem ordenar o que ela deverá ou não fazer. Alguns alunos acharam exagero um pensamento assim, visto que a música “nem era funk”²⁶. Nesse momento tivemos que discutir se o desrespeito estava ligado ao estilo musical. Ao longo da conversa o restante da turma passou a entender que independentemente do sexo da pessoa, ninguém tem o direito de decidir seja o que for por ela.

No final da aula um aluno pediu pra mostrar um vídeo que tinha achado na internet sobre o assunto. O vídeo era composto de uma imagem preta com a frase “Imagem da mulher na publicidade” e não tinham imagens era composto somente de som.

Assistimos ao vídeo juntos.

O Vídeo consta no pen drive que acompanha a caixa preta.

No início conversavam muito, conversas paralelas que se acabaram e deram lugar a um silêncio *barulhento*. Digo barulhento porque foi notável o entendimento do som que conseguiram imaginar, e refletiram sobre o que estavam escutando. No final da aula um aluno pediu pra me entregar um arquivo em formato de vídeo que mostra o quanto as oficinas, o dialogo os fez refletir e esse aluno sentiu a necessidade de expressar isso.

²⁶ Palavras de um aluno.

Ficou evidente que as aulas de arte, as Oficinas, são esses locais de trabalho pedagógico onde pudemos articular todos esses acervos teórico-reflexivos “[...] com discursos, imagens e práticas, nas quais emerge o potencial criativo tanto do professor quanto do estudante e da experiência de que estão se apropriando para ampliar suas potencialidades”.

É preciso, portanto, desviar-se dos impedimentos sociais, “[...] tanto quanto dos pessoais para deixar a criação fluir das interações. A prática evidencia que é preciso concentração, meditação e controle sobre os meios”. Os afetos interferem, facilitando ou dificultando estas atitudes. (MEIRA;PILOTTO, 2010,p.40).

O CONSUMO E O CORPO HUMANO: NECESSIDADES E EXAGEROS

Houve na escola uma confraternização para os aniversariantes, em que cada aluno deveria levar um item para comer ou beber. Como a confraternização foi durante a aula de artes, pude perceber e registrar esses momentos.

Durante a organização, a escola deixou livre para que cada um levasse o que pudesse, porém, pude perceber que os alunos se organizaram antecipadamente e eles mesmo decidiram que *todos os meninos levaram refrigerantes e todas as meninas algo comestível*.



Figura 32: Confraternização. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.

Após a observação, fiz contato com a nutricionista da escola, Eliana Oliveira, que se prontificou a ir conversar com os estudantes sobre os alimentos em que consumiam. Então preparamos a aula em conjunto.

No primeiro momento servi, em canecas iguais, Coca-Cola, e ofereci a todos que degustassem e, se pudessem, me afirmassem que refrigerante estavam bebendo. Utilizei essa marca porque durante a confraternização realizada houve uma observação de um grupo de alunos se referindo a marca de um determinado refrigerante que alguém teria trazido, naquele momento segundo eles era um refrigerante “ruim” e muito barato, sendo inferior aos outros.

Após os alunos beberem o refrigerante e opinarem sobre a marca do líquido a nutricionista distribuiu encartes de diferentes supermercados da cidade e

pediu para que os alunos circulassem o que comprariam caso estivessem dentro do estabelecimento.



Figura 33: Refrigerantes. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.



Figura 34: Refrigerantes. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.

Pudemos notar que a maioria dos alunos circularam alimentos como Chips, bolachas, refrigerantes, chocolates e doces.

Realizada a atividade e observado os produtos marcados a nutricionista começou uma conversa com os alunos questionando se eram necessários aqueles alimentos para o bom desenvolvimento do corpo humano. Explicou os conteúdos presentes nos alimentos e alertou pra quantidade de açúcares e sal presentes em casa alimento, fazendo uma comparação com o que o nosso corpo necessita, conversou sobre as marcas e o que elas fazem para que seus alimentos sejam comprados, fazendo relação com o filme visto anteriormente pelos alunos.

Analizamos os rótulos dos produtos e os nomes que as empresas usam para “mascarar” conteúdos alimentícios que não fazem bem a saúde, bem como a quantidade de açúcares presente no refrigerante.

O PPT utilizado em sala de aula está no pen drive.



Figura 35: Atividade em aula. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.



Figura 36: Conversa com a nutricionista da escola. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.

Até o final da aula apenas um aluno disse que o refrigerante servido era Coca-Cola, mesmo assim, depois disse que era Fruki-Cola ou Biri-Cola, pois segundo a aluna T.C., que se intitula especialista em refrigerantes, o que eles tomaram jamais seria Coca-Cola.

No final da aula todos os alunos se surpreenderam com as garrafas vazias que mostrei, chegaram à conclusão de que o gosto dos refrigerantes é muito parecido e o que a diferença se encontra na quantidade de propaganda que eles veem.

Debatemos sobre a necessidade do desanestesiamento dos sentidos, sobre a absorção acrítica, já que, em nosso estilo de vida, herdado da modernidade, preferimos o que já vem pronto e fácil, sejam comidas, bebidas ou imagens, separando corpo, mente e entorno.

O registro desses produtos e de outros que consomem foi feito no diário em forma de desenho, texto ou vídeo.

O OUTRO

Nesse momento refletimos sobre quem são esses *outros* que convivem com nós, se eles são diferentes ou iguais, no que são diferentes e registramos isso através de imagens.

No encontro organizado para ser o sétimo, que foi quase no final do ano letivo, os questionamentos giravam em torno de:

O que esse outro veste/come/consome?

A proposta era a realização de atividades de criação de coisas *impossíveis* de comer, vestir e usar e a “venda” dessas coisas através do vídeo.

Objetivava que percebessem as semelhanças e diferenças do que usamos e consumimos e a utilidade dos objetos e serviços nas nossas vidas e o quanto isso era importante ou não.

Destaco dois vídeos disponíveis no pen drive que está na caixa preta, no primeiro vídeo dois alunos superaram as expectativas, pois não fizeram exatamente o que estava proposto eles fizeram mais: criaram um novo objeto utilizando os materiais e recursos disponíveis na escola, e criaram baseado na necessidade que eles tinham e de acordo com os materiais disponíveis: gravaram os vídeos na escola ou na casa de um dos integrantes do grupo, utilizaram o laboratório de informática da escola para editar os vídeo e os celulares para capturar as imagens. Afinal o celular é hoje um dos equipamentos mais utilizados principalmente entre os jovens.

Além disso, foram instigados a aprender sobre as ferramentas de captura e edição de imagens. O resultado foi um vídeo narrado e encenado por eles.

O segundo vídeo é o aproveitamento de uma propaganda da *Polishop*²⁷, com o mesmo nome de uma panela da marca. O produto oferecido pelo aluno é uma panela, porém de plástico. E o comercial é convincente, narrando os benefícios da panela. A contradição está no produto que vai no fogo ser de plástico; mas existem outras vantagens, segundo o anúncio do aluno.

Esses trabalhos fizeram com que os alunos pensassem o poder de persuasão que pode ser exercido através de uma imagem/objeto. Embora muitas vezes em precisemos dele, os proclames são tão enfáticos e nos mostram tanta *positividade* que nosso pensamento acha que *necessita* de tal produto, quando na verdade estamos sendo manipulados.

A esse respeito argumenta Novaes (2005, p.241), para quem acreditamos ser livres e capazes de realizar escolhas, porém somos alienados e seduzidos por bombardeios de imagens, e “[...] passamos a desejar determinado produto, sendo necessário cada vez mais capital para satisfazer essa “necessidade”. Dessa forma, nosso pensamento é atrelado ao consumo, ao consumo dessas imagens/produtos.

Os vídeos que me refiro estão no pen drive que está na caixa preta

REVERBERAÇÕES

Nesse capítulo, exponho ao leitor alguns momentos, atitudes, reflexões e reverberações que surpreenderam a pesquisa e a mim. Foram situações que aconteceram ao longo da pesquisa ou após sua conclusão, e alguns fatos que relatarei aqui me fizeram entender mais sobre os diários e alguns relatos existentes. O capítulo levou esse título, pois me fez perceber que, ao término do ano letivo, as reflexões da pesquisa seguiam e seguem *reverberando* em todos nós participantes.

²⁷ Polishop É uma empresa conhecida pelos seus produtos inovadores e diferentes com uma vasta gama de eletrodomésticos e utilidades para o lar.

COMUNICAÇÃO

Ao longo das oficinas surgiram muitos relatos, imagens e vídeos, todos digitais. Isso trouxe um problema para todos. Primeiramente, destinei um *pendrive* para as Oficinas, e aluno por aluno salvava seus trabalhos ali. Como o volume de trabalhos era muito grande, tive que buscar novas alternativas.

Procurei um bolsista da escola, que me auxiliou na criação de uma tecnologia para que pudéssemos postar qualquer tipo de arquivo. Para isso, seria necessário que todos os alunos possuísem um *e-mail* do *Gmail*.

Enquanto isso, criamos uma página vinculada a meu *e-mail*, com uma pasta com o nome de todos os alunos. Após entrarem, receberiam um *link* onde poderiam postar todos os arquivos. Só teriam acesso aos trabalhos as pessoas que recebessem esse *link*, enviado por mim. Busquei uma alternativa segura pra não perder os arquivos, já que não era seguro deixar em um dos computadores da escola.

Para que isso acontecesse, necessitei de vários horários disponíveis na Sala de Informática, o que causou uma certa movimentação no espaço, visto que os alunos, normalmente, procuravam o laboratório somente para entrar em redes sociais e para jogos. Sendo assim, houve uma mudança de mentalidade tanto pelos alunos, que perceberam que o computador não servia só para diversão, quanto de toda a escola, que notou que é possível estudar usando as tecnologias de que dispomos.

Quanto a mim...

Tive que me superar e buscar novas formas de comunicação sem ser um caderno, tive que trabalhar horas a mais, pesquisar e estudar sobre o que estava tentando fazer, e aí entendi o que Meira (2014, p.61) propõe, que na escola não se discute “[...] os benefícios que um projeto de descobertas e conquistas pode trazer para a formação ética dos alunos”. E que “[...] poucos são os professores carismáticos que conseguem imantar suas aulas com paixão, por vê-las como culminância de um árduo processo de preparação. Processo que se esgota, talvez em instantes de profunda e reverencial cumplicidade afetiva?”

Precisei durante todo o tempo, contar com a boa vontade de colegas... Mas, no final, percebi que era possível, e isso abriu novas possibilidades pra mim e pra

colegas da escola a trabalharem mais com imagens, sejam elas retirada dos meios de comunicação ou postadas.

Percebi aqui o quanto somos seres relacionais, necessitamos dos outros, legitimamos ou negamos o mundo social na *convivência*, essa com-vivência que a arte, ao exprimir uma *ambiência afetual* (MAFFESOLI, 1998), facilita. MATURANA (1998) alerta que nem toda a convivência é *social*, só a fundada no *amor*, *disposição corporal* que nos impele ao outro. Trabalhar na escola nessa perspectiva criou essa disposição.

Percebi também o quanto somos seres que atuamos de forma *autopoietica*, ou seja, criamos vida a partir da existência mesma, para viver. E que esse viver implica em gest (ion) ar o cuidado, na existência, para amar e tratar o outro (pessoas, animais, espaços, objetos, símbolos, mundo) como *legítimos*, na convivência, ou não. Implica em responsabilidade pelas consequências das ações de uns sobre outros.

Percebi sim que as relações cotidianas, alimentadas pelo *vivido*, tornam *emocionais* os laços *sociais*, a partir de um *ser-no-outro* onde o *conviver* é a *própria descoberta de si*: só fazemos sentido no outro (MEIRA, 2013). A arte, na existência, é o cuidado da pura manifestação do ser através de formas. Na criação, concebe um *espaçotempo* onde a realidade, obscurecida por um *saber sensível* fundador, direto, anterior às representações simbólicas (idem).

LIGUE 141

Por conhecer os alunos já há alguns anos, já sabia como estava seu humor no dia das nossas aulas. Mas 2017 começou um pouco diferente com a aluna E.Q. Seu estado de humor era inconstante, se excluiu da maior parte da turma e fazia muitas reclamações de tudo.

O estranhamento veio na primeira atividade (autorretrato da página 65).

A aluna se desenhou com uma expressão de insatisfação. Em uma conversa informal, comentou que aquela seria a expressão para algumas pessoas da mesma sala de aula. Além disso, se autorretratou com a música “Breathe me” da

compositora e cantora Sia. Abaixo, a letra original a versão traduzida²⁸. Junto com o autorretrato e a música, veio um texto.

A música está no pen drive. Sinta!

²⁸ Segundo o site <https://www.vagalume.com.br/sia/breathe-me-traducao.html> último acesso em 3 de março de 2018.

Me respire

Me ajude, eu fiz isso de novo
Já estive aqui muitas vezes antes
Me machuquei de novo hoje
E o pior é que não
há ninguém pra culpar

Seja meu amigo
Me segure
me proteja
Me descubra
eu sou pequena e necessitada
Me aqueça
e me respire

Ai, eu me perdi de novo
Me perdi e não estou em lugar
nenhum pra ser encontrada
É, eu acho que devo estar quebrada
Eu me perdi de novo
e me sinto desprotegida

Seja meu amigo
Me segure
me proteja

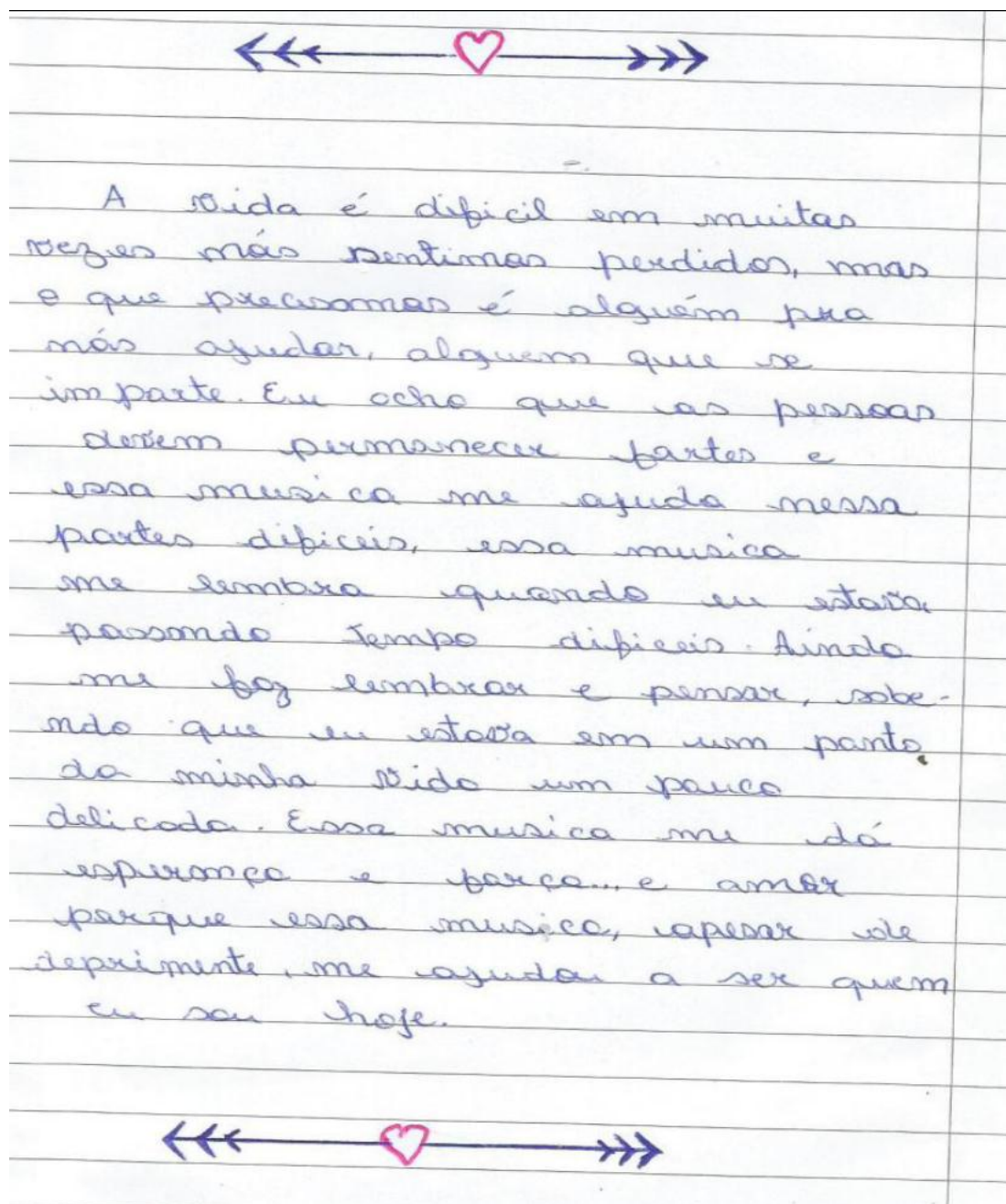


Figura 37: Relato retirado do diário a/r/tográfico. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.

Nesse momento tive a certeza de que algo estava acontecendo, então veio a notícia através da psicóloga da escola de que a aluna teria tentado o suicídio. Ela ficou duas semanas sem ir à aula e quando voltou, mostrou que já tinha feito todas as atividades. Além disso, fez o registro de tudo que gostaria comunicar. Dessa forma, algumas atividades, aparentemente, não se encaixaram nas oficinas, mas, no final, tudo adquiriu um sentido. Como desenhos que ela havia se retratado, textos e trechos de músicas.

Além disso, durante uma conversa informal, a aluna relatou que tentou cortar a própria barriga com uma tesoura, pois se achava acima do peso e não conseguia emagrecer, nem expelindo, forçadamente, vomitando, o que teria comido.

Quando falávamos do ideal de beleza a aluna retratou no diário a cena da página 145, acompanhado do seguinte texto:

Amor próprio...

A mídia quer que seguimos os padrões de beleza dados por eles, e as pessoas aceitam e cobram de si mesmo, isso daí, tem dias que estou com a auto estima extremamente baixa. Meço defeito em tudo em mim, no meu corpo e no rosto, eu lembro das críticas que eu li e fico me torturando, achando que esses padrões tem toda razão. Eu sei como as críticas magoam a gente, ... Eu sei o quanto é difícil se amar, o quanto é difícil se ver no espelho, se achar atraente...

"Você é muito alta"

"Alisa esse cabelo"

"Foi academia pra ganhar corpo"

"Você tá gordinha, emagrece!"

"Você tá com muitas espinhas,

~~passa~~ isso que melhora"

"Corta esse cabelo, pinta de tal cor"

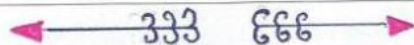


Figura 38: Relato retirado do diário a/r/tográfico. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.

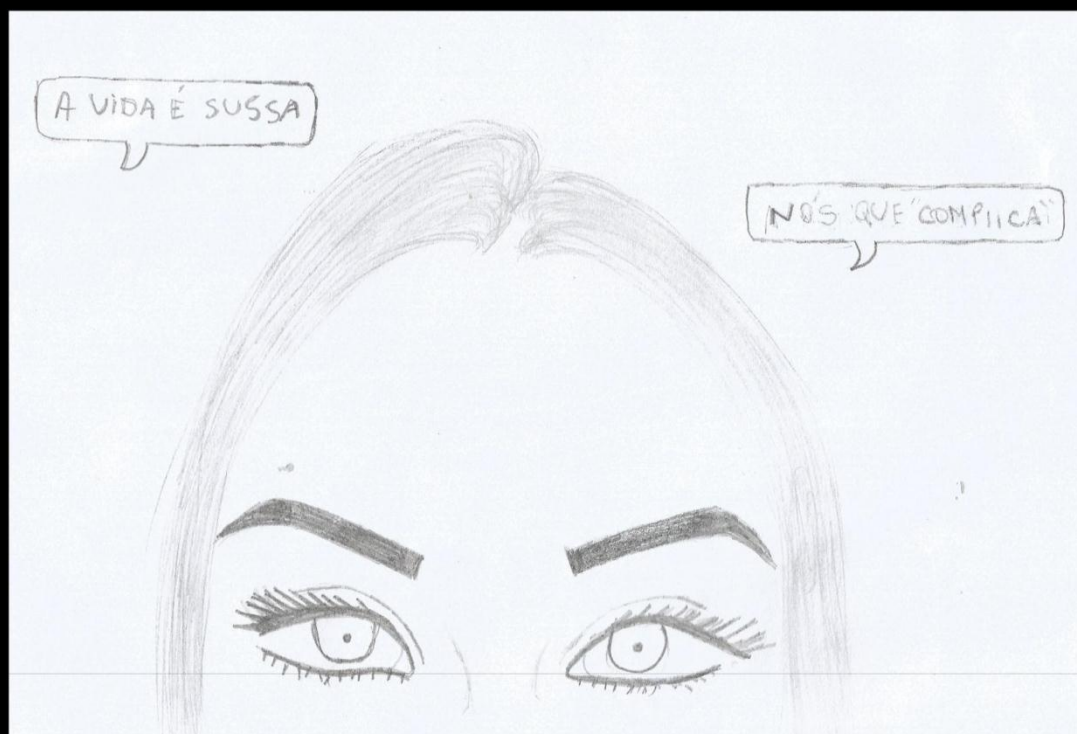


Figura 39: Desenho retirado do diário a/r/tográfico. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora

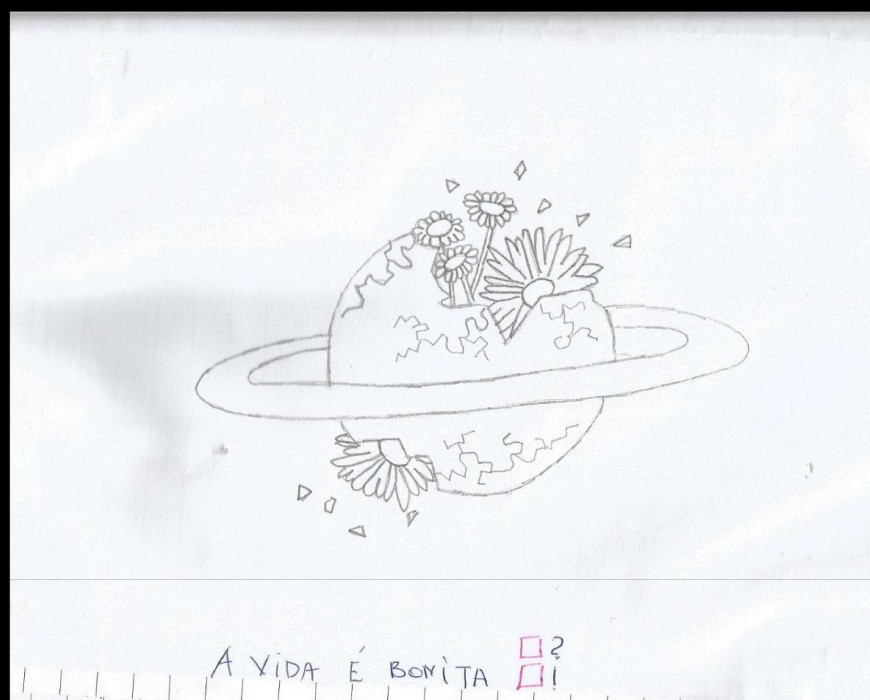


Figura 40: Desenho retirado do diário a/r/tográfico. Rio Grande 2017.
Acervo da Pesquisadora

No final do diário, faz uma reflexão de “Como gostaria de ser?” e diz que gostaria de ser mais forte, que gostaria de ser feliz, que acredita ser *masoquista* no que se refere a sentir demais, mas, no final do texto, admite de que está aprendendo muito, nessa fase difícil.

Finalizando a aula, solicitou colar no diário uma “coisinha”²⁹ que achou importante (fig.41).

Essa passagem me levou à reflexão sobre o quanto a arte permite acessar e lidar com dimensões como a desrazão, para compreendermos o *sentido da vida*. Concluí, como a autora (MEIRA, 2007; 2013) que, *após genocídios, guerras e pobreza, que a vida moderna, descarnada e artificial, com suas máquinas, próteses e promessas, não nos trouxe mais felicidade*.

²⁹ Palavras da aluna

Podemos não saber ainda quem somos, para onde vamos, qual o sentido de nossas vidas, do que fazemos, mas, se não vislumbrarmos nada fora da matéria, finita, passageira, precária, adoecemos, esquecemos estarmos aqui para amar, conviver ser feliz (idem).

Também que a arte é um território onde estas ações podem acontecer, pois ela corporifica o sensível em acontecimentos, formas, para pensar a morte, o incompreensível, o efêmero, o trágico, o sem-sentido. Coisas que o excesso de racionalidade no qual *vivemos excluiu para uma esfera muito precisa: a da loucura, da infância, do jogo, localizando-os à margem da sociedade como algo de importância menor do que a ciência a objetividade* (MEIRA, 2013).



Figura 41: Imagem da aluna, no diário a/r/tográfico. Rio Grande 2017.
Acervo da Pesquisadora.

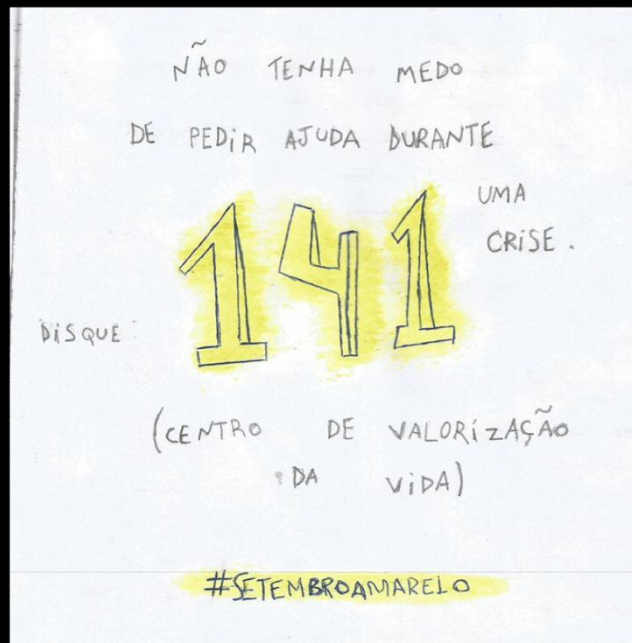


Figura 42: Imagem da aluna, no diário a/r/tográfico. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.

CORPO

Em um sábado de julho, aconteceu na escola uma festa junina.

Os alunos do 9º ano ficaram responsáveis pela banca que venderia cachorro quente e bolo. Entre a organização e o término da festa, o aluno G.J. *molestou* as nádegas da aluna T.M, e isso gerou um desconforto na mesma, que foi até a direção relatar o ocorrido.

Nesse momento, foram chamados os dois estudantes, e, após uma conversa com a diretora, a escola tomou as *medidas cabíveis*. Como nossa aula era na segunda- feira, o assunto chegou até a aula de Arte. Nesse momento, percebi que o planejamento das Oficinas não seguiria adiante, até porque, na aula anterior, falávamos do papel da mulher na mídia e a forma como a sociedade trata o corpo feminino.

O menino me relatou o que havia feito, e, em seguida, explicou que já tinha sido punido pela direção, justificando-se pelo fato da aluna ter deixado outro colega molestá-la, e todavia só havia reclamado dele.

Durante o relato da adolescente, esta relatou que não se importava que o outro menino a apalpassem, mas que seria só ele a fazê-lo, e não o G.J. Durante uma conversa posterior com a turma, percebi que as meninas ficaram todas incomodadas com a situação, e os meninos achando que estava tudo bem.

Dessa forma, seria preciso que voltássemos às imagens que haviam tido levado e novamente as relacionássemos com o ocorrido. E assim o fizemos. Concluíram que todos os alunos estavam errados, mas a aluna tem o direito de deixar quem ela escolher tocar seu corpo.

Após o final das aulas, recebi um vídeo do aluno G.J., que sentiu necessidade de manifestar-se novamente, após ter refletido, após esse retorno ao trabalho.

Assista o depoimento do aluno em formato de vídeo que consta no pen drive. Permita-se refletir junto com um adolescente.

O trabalho (re) realizado deixou flagrante o quanto precisamos da arte e do imaginário para dar *sentido* às coisas, de forma mais rica, para modificar/ampliar nossa *escuta* do outro, ampliar percepções ordinárias, para imprimir significados mais intensos às coisas coloquiais, para brincar com o inusual (MEIRA, 2003). Para descobrir outras formas de estar no mundo mais ricas, menos opressoras, que atendam à diversidade que a vida humana requer.

Essa retomada também desnudou o fato de que a arte não fica restrita “[...] ao piloto-automático da intuição, [mas] é desafiada a continuamente se atualizar no momento presente dos eventos experimentados”. E também corrobora o que antes havia afirmado a respeito de uma Educação Estética, que, se a educação é um cultivo de modos de expressão, compromete-se com um processo formativo do caráter das pessoas, com sua “[...] habilidade para lidar com seu próprio imaginário em relação ao imaginário coletivo, a prazeres e dores de sua época” (MEIRA, 2014, p.55).

EXPOSIÇÃO

Como foi um ano intenso, acabamos produzindo muitos materiais.

No final do ano, o sentimento era de despedida, e, dessa forma os alunos sugeriram que fosse organizada uma exposição, com todos os pensamentos, ações, imagens, expressões etc. que permearam o ano letivo.

A exposição aconteceu na última semana de aula, no teatro da escola, com painéis, esculturas, vídeos e objetos. Organizei com as turmas uma escala de alunos que iria receber as outras turmas e explicar sobre o que a exposição estava tratando.

Um grupo de alunos se envolveu mais na atividade, por ter tempo livre, visto que alguns alunos já estavam ingressando no mercado de trabalho ou com bolsas trabalho dentro da própria universidade. Durante o tempo da montagem, nos dividimos em grupos, e cada um ficou responsável por uma parte, embora seus registros se espalhassem em todas as partes.

A exposição intitulada **“Que imagens você consome?”** ficou aberta de segunda a sexta das 10 horas da manhã até às 18 horas da tarde. Durante esse período, passaram por lá mais de 200 pessoas, incluindo alunos da escola, pais, professores, membros da comunidade e curiosos.

Foi possível perceber o protagonismo dos alunos falando e questionando os visitantes quanto aos temas tratados. Suas vozes foram ouvidas por todos que se dispuseram a participar desse momento, e as reflexões, que até então tinham ficado entre as quatro paredes da sala de aula, agora tinha tomado uma proporção que não era esperada no início dessa pesquisa.

A quantidade de sujeitos envolvidos nos questionamentos e reflexões e ultrapassou a expectativa, e me levou a refletir sobre o quando a arte e a Educação Estética, neste caso, essa exposição, pode *resgatar histórias de vida e singularidades*, ao possibilitar que um campo de virtualidades, pela criação estética (sensível) e artística (seus métodos e técnicas) se consolidem em formas, infinitamente re-inventáveis (MEIRA, 2013).

Durante a exposição, uma das professoras das turmas de anos iniciais da escola veio me relatar o quanto aquele momento era importante para o protagonismo dos alunos, e o quanto era importante para o espaço educativo que eles visem suas reflexões materializadas, e que melhor ainda quando podiam dividir isso com os alunos pequenos.

Nesse momento, comecei a pensar de forma geral sobre os momentos que havíamos passado e o quanto isso tinha amadurecido o grupo e a mim. Estávamos confiantes do que havíamos construído, e durante a exposição, tivemos a certeza de que tínhamos feito um pequeno grupo da sociedade pensar sobre a forma que viviam e consumiam nesse mundo.

Assim, ficou visível na escola o quanto todos somos educadores, “[...] na medida em que nos afetamos uns aos outros ao conviver”, e que isso não nasce pronto, mas “[...] se cultiva só com prazer e muito esforço, e consideração”. Faz parte de nossa tarefa de educadores também “[...] abrir espaço para belezas que nascem frágeis e até inocentes em pequenos projetos factíveis sonhados junto” (MEIRA, 2014, p.62).

Esse,foi gestado assim:



Figura 43: Alunos durante a montagem da exposição. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.



Figura 44: Alunos no término da montagem da exposição. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.



Figura 45: Início da exposição. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.



Figura 46: Um dos painéis da exposição. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.

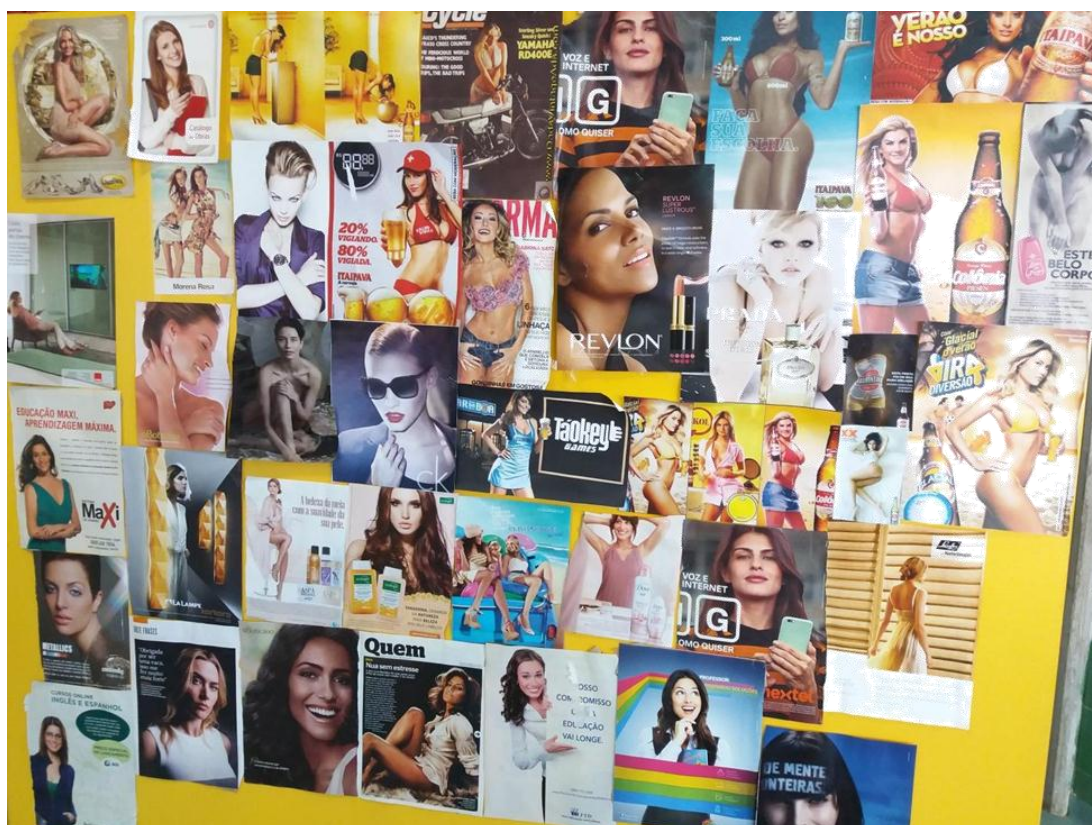


Figura 47: Um dos painéis da exposição. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.



Figura 48: Alunos da escola visitando a exposição. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.



Figura 49: Alunos da escola assistindo/escutando o vídeo da exposição. Rio Grande 2017. Acervo da Pesquisadora.

INFINITAS DOSES DE ENCANTAMENTO....RUMO ÀS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizando a reflexão sobre esse trabalho das Oficinas, reuni reflexões e atividades, realizando um apanhado geral sobre as mesmas. Muitas atividades tiveram que ficar de fora, dado que não havia mais tempo para inclui-las.

Realizando o relato, percebi o quanto vivemos tempos tão complexos, contraditórios, paradoxais.

Nunca tivemos tanto excesso e tanta carência de imagens. Tanta fome e tanta fartura, apesar de vivermos hoje em uma civilização de imagens. Entendi que é exatamente por isso que a arte é tão necessária, *não por contrapor-se à palavra, mas por ajudar a compreender a forma pela qual imagens são concebidas, construídas, expostas, multiplicadas, recicladas. Compreender e pesquisar a imagem na escola hoje passa por compreender como a arte as mobiliza, subverte, envolve, transforma, atualiza materiais, processos, fatos, obras, pessoas* (MEIRA, 2007).

A necessidade da arte na escola passa pela inclusão da paixão no social (MAFFESOLI, 1996) e pede uma *formulação estética do espírito* para perceber sua a-present-ação, si(ú)mul-ação e corpo-rificação em formas perceptíveis.

O trabalho realizado com os alunos deu a entender o quanto a arte, por ser linguagem de sensações, insere-se nas palavras, nas cores, nos sons, compõe *blocos de sensações que através de suas linguagens criam figuras estéticas, devires, feições, visões*.

Para entendermos o papel na escola, é “imprescindível pensa-la em sua imanência, contingência e transcendência, em seu modo singular de manifestar intensidades de sentido e ação cuja realidade não encontraria modos de exprimir sua diferença e alteridade a não ser como jogo, arte, dança do pensamento” (MEIRA, 2007).

Portanto, estudar Arte, Cultura Visual e imagem passa pela necessidade de criar uma cultura estética que cultive a sensibilidade, exercite o crítico e o sensível sentido do fazer artístico. Que permita dar cor e sabor ao cotidiano desse mundo mutante, onde, diariamente, somos submetidos ao consumo, ao tempo acelerado, ao excesso de informações, que passam a nos definir como “[...] integrantes de um mundo conectado, interligado, fugaz, caótico”.

Em nosso dia a dia de transformações por vezes desconcertantes, imagens, nem sempre “fiéis”, ou seja, manipuladas, decorrentes destas mudanças desempenham um papel que, muitas vezes, nos escapa. E assim precisamos compreendê-las, apreender seu vitalismo a partir de um campo amplo e complexo, como o da Cultura Visual, afirma a autora. “Esta passa a ser de extrema importância para a educação e a educação em arte, para trabalhar de forma crítica e valorizando a cultura do outro”. (MEIRA, 2013, p.40).

Compreendi, com Mirela Meira (2013 (b), p.52), o valor formativo do trabalho realizado, ao captar o quanto havia transitado em um campo onde a criação “[...] integra e confere um lugar às coisas, sua ética garante o princípio vital dinâmico que anima o social e assegura o retorno de uma ordem nova”.

Construímos coletivamente um espaço de (trans) formação de pessoas, que segundo a autora, “[...] não pode se instaurar sem a arte”, pois a “[...] sensibilidade em relação ao outro (em si, na natureza, na vida social), leva a uma concepção ampliada da realidade, plural, polissêmica, da experiência e do vivido coletivo” (MAFFESOLI, 2004 (b), p.149). Para Meira (2013 (b), p.53) historicamente os saberes envolvidos na formação de professores e nas escolas “[...] têm desqualificado, sistematicamente, a arte, a desordem, a imagem, o sensível e suas expressões, favorecendo uma lógica discursiva, da palavra única”.

Lidar com imagens e Cultura Visual hoje exige do professor conhecimento sobre arte e em arte, principalmente de sua estrutura construtiva e relacional, para garantir o fluxo de energias entre as obras e os sujeitos que com elas dialogam. Pois “[...] só depois dessa infraestrutura constituída é que será possível desenvolver uma hermenêutica instauradora, uma metodologia interpretativa do fato artístico e estético, a partir de um horizonte simbólico” (Idem, ibidem, p. 117).

A materialidade da imagem como texto e os sentidos que a imagem produz como discurso a situam no contexto de mensagem, repleta de conteúdo. Barthes dizia que a imagem é formada por signos, que provêm de uma profundidade variável que depende de fatores culturais, sociais, estéticos e econômicos. Imagens e textos são mensagens abertas que permitem diferentes interpretações e possibilidades de leitura, podendo constituir diferentes narrativas (SANTAELLA; NÖTH, 1998, p.53).

Não existe um conceito consensual sobre que tipos de discursos e mensagens uma imagem pode transmitir, mas é fato que elas transmitem informações, e nós as consumimos, de acordo com os desejos e motivações que elas nos causam, e as decodificamos de acordo com nossos valores e entendimentos. Se elas têm o poder de influenciar e induzir, podem ser usadas tanto para mentir quanto para produzir verdades, podendo falar do mundo ou oferecer mundos inventados. Portanto, criam valores, possuindo uma carga ética.

A escola e os alunos estão imersos nessa imageria, consumindo essas imagens, sem refletir e questionar sua própria utilização. Questionar a sociedade em que vivemos, onde uma nebulosa afetual nos leva a crer que é necessário saber reconhecer o que Michel Maffesoli (1996) chama de uma explosão da imagem pós-moderna, que proporciona um saber direto, um partilhar de vivências, experiências, modos de vida e maneiras de ser que essa imagem desencadeia.

Se a imagem é vetor de conhecimento, possui um papel cognitivo, é religante, empática, agregadora, e faz parte da construção dos processos identitários das pessoas. Implica inclusive na trans-formação de suas condutas, já que as influencia simbólica, ética e esteticamente. Não busca uma “[...] verdade unívoca, mas que se contenta em sublinhar o paradoxo, a complexidade de todas as coisas”. Assim, não aspira a um amanhã melhor, mas remete “[...] às formas que caem sob os sentidos, para fazer sobressair sua beleza intrínseca” (MAFFESOLI, 1998, p.19).

A instauração de uma metodologia criadora é única, individual, aplicável a cada situação, e nisso, a sensibilidade e o conhecimento do professor contam para regular os tempos, os conteúdos, as formas de propor. Esse professor, propositivo, seria capaz daquilo que Martins, Picosque e Guerra (1998, p.140) chamam de “nutrição estética”, ou seja, aquelas experiências capazes de provocar leituras que desencadeiem redes de significação do fruidor para além da mera capacidade conceitual, mas que se dirija à atribuição de sentido, e ampliá-los.

Sendo assim, esse trabalho realizou um reflexo sobre a sociedade industrial, o capitalismo, o consumo, a alienação imagética, as influências da Cultura Visual, dos meios de comunicação de massa, propondo um retorno ao sensível, à construção de visualidades através da Arte, em busca de uma ética (valores de respeito à vida, ao outro, ao símbolo), e uma estética, novas formas de sentir e estar no mundo.

Reflexão essa tão necessária, a curto e a longo prazo, acerca, também, de nossas (rel) ações frente a uma sociedade cada vez mais mutável em que vivemos. Tarefa que não finda nunca, e que fica mais leve se for compartilhada, com afeto e sabedoria.

Busquei, nas Oficinas, entre outras coisas, a estimulação dos sentidos, da percepção, da imaginação, da criação e a educação do olhar, olhar esse que não se restringe somente à visão, mas se dirigia à transformação dos participantes de um modo geral. Estimular os sentidos e despertar para novos saberes, tanto em relação a si mesmo, como ao outro e ao mundo.

Minhas atividades como arte-educadora me deixaram à vontade para escapar da ênfase no visual e ir a outros campos sensoriais. Esse estímulo do sensível foi possível através da interação entre os alunos, deles comigo e pela minha flexibilidade em dialogar, acolhendo as propostas deles advinda, e posteriormente essa flexibilidade foi construída com eles, nas Oficinas.

Atividades sensoriais com sons, tato, paladar, olfato, visão se miscigenaram para dar conta da percepção/(inter)relação com imagens, objetos e artefatos da Cultura Visual presentes no cotidiano desses alunos.

Creio que essa pesquisa foi relevante para o contexto em que atuo, pois modificou as ações das pessoas envolvidas, fazendo com que o grupo de alunos refletisse, e a partir disso, tivessem voz para decidir o que lhes convém. Desenvolveram, por conseguinte, novos olhares para o mundo que os cerca.

O envolvimento com o assunto dessa dissertação iniciou-se muito antes do ingresso no mestrado, que, sem dúvidas, embasou-a e me auxiliou a encontrar quem pensasse e refletisse sobre os mesmos assuntos que me inquietavam. No percurso da pesquisa houveram várias modificações, que hoje percebo como sendo positivas, pois necessitei de um tempo para amadurecer os pensamentos e colocá-los em ordem, para que essa escrita fosse possível. É por esse motivo que esta não finda nesse momento, visto que esse assunto permeia minha vida e minha profissão.

Por fim, percebi que a educação estética foi a base de todo meu trabalho ao longo dos anos, e, conseqüentemente, a base da pesquisa, que não poderia, por essa razão, ser disassociada de meu corpo, dos sentidos, a partir da imagem. Ao longo da pesquisa, deparei-me com muito mais do que uma pesquisa acadêmica,

quando notei que as atividades que fazíamos nas aulas, as reflexões, caminhavam para a dignificação da vida, fato esse, deixado de lado nessa sociedade veloz e capitalista em que vivemos.

E isso é o que a educação estética provê, perpassando a convivência, o respeito e a valorização do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções oriundas da criação coletiva desse grupo de alunos constituíram movimentos pedagógicos que valorizaram o estar junto, a cooperação, a solidariedade, os movimentos de trocas, conversas, risos, sentires (MEIRA, 2007). Apesar disso ter sido conquistado ao longo de vários anos letivos, foi através das Oficinas que os alunos passaram a enxergar a si, ao outro e ao meio de forma diferente, a se aceitarem e a aceitarem o outro, fosse esse outro o colega da mesma sala ou um desconhecido. Foi através das oficinas que os alunos se sentiram confiantes para falar e se expressarem, e o fato do diário ser uma forma de registro livre também contribuiu para essa liberdade de expressão.

Isso foi constatado durante o trabalho que realizei. Assim como o que Ostetto comprova, que somos seres sócio-histórico e que interagimos com a realidade que nos cerca, somos afetados por relações, imagens, situações, acontecimentos e emoções.

Os alunos perceberam que as nossas identidades, ações, modos de ser e pertencer a esse mundo são (re)configurados através das imagens, e que isso impulsiona novas maneiras de ver o mundo, e permite, até, pensar num futuro um pouco mais igualitário socialmente e justo.

O trabalho permitiu entender e levar em conta que imagens não são “[...] apenas construções mentais e de sensibilidade”, e que “[...] , que imagens junto a outras imagens sustentam-se apenas em dispositivos virtuais e atuais”, e que “trabalhar com imagens é viajar no ar, na luz, na velocidade do pensamento”, e, além disso, “[...] as sensações do corpo produzem imagens que dialogam com as inventadas”. (MEIRA; PILOTTO, 2010, p.101). E que que a criação, ao *materializar* emoções e conflitos, objetiva forças em direção à *consciência, transforma o mundo*. Preenche funções cognitivas, simbólicas, expressivas, sensíveis (estéticas), representacionais, de jogo, prazer. Testa e até substitui situações da realidade por

equivalentes, com o máximo de *clareza* e *verdade*, para além da mera fantasia, sem, todavia, excluí-la (idem, ibidem).

O grupo envolvido, através das oficinas realizadas, repensou as imagens consumidas, bem como a forma como isso se dá dentro da sociedade em que vivemos e no seu próprio cotidiano. Além disso, construíram saberes capazes de instaurarem novas éticas, novos olhares, novas relações e a partir disso, refletiram sobre suas ações, modificando-as.

Durante as Oficinas, nas aulas, os alunos foram instigados a criar, estruturar, refletir sobre a sua inserção na sociedade, no país, na escola, na família e em aula. Como bem observou Meira (2014,p.56), “[...] a experiência estética pode ser cultivada na escola para desenvolver um comportamento estético como relação com o mundo”. Porque “[...] os efeitos estéticos estão em todo o lugar, resultado, ou resto, de atitudes constituídas na família e no entorno vivencial”.

Essas construções foram momentos de partilha, grupais, coletivos, de troca, criação e pesquisa de suas memórias, histórias de sua família, resgate de potencialidades e sentidos através de sons, gostos, cheiros. Como, por exemplo, na aula em que os estudantes puderam experimentar refrigerante, ou ainda, na aula que potencializaram a criticidade através dos estilos musicais trazidos por eles próprios pra discutirmos o papel da mulher na sociedade atual.

Já sabia que o trabalho com arte permite rupturas “[...] de um si enrijecido, cristalizado”, mas pude entender ainda mais o papel da arte e da Educação Estética, o quanto através delas se pode adentrar “[...] na transgressão, no efêmero, no sombrio” (MEIRA, 2013 (b) p.55), bem como naquilo que Maffesoli (2004 (b), p.18-9) chama de “[...] a parte do diabo”: o saber necessário para entender nossa época “[...] sentindo seus odores”, desenvolvendo “[...] um apetite por suas paixões” e igualmente sua “[...] parte destruidora”, a do excesso, efervescência ou desperdício; do que se esgota “[...] no instante- festas, [na] solidariedade na urgência”, ou ainda em tudo o que “[...] traduz uma imperiosa exigência de pensar o sensível em todas as suas manifestações”. Especialmente, na educação.

E nas Oficinas, onde priorizamos o estar junto, na igualdade de pensamentos e na diferença deles, respeitando e refletindo o igual e o diferente.

Isso se tornou mais claro ainda em cada visualização dos diários, pois os alunos tiveram que desfrutar de um tempo só deles para pensar sobre esse

diferente. Não foi fácil a aceitação, pois muitos acreditavam que o que pensavam acerca da realidade era uma verdade absoluta.

Aos poucos, fomos desconstruindo essas verdades, possibilitando ao outro expor suas ideias e opiniões.

Portanto, essa pesquisa acadêmica caminhou junto com uma pesquisa pessoal, tanto minha quanto dos estudantes e de todos como grupo.

Não objetivei resultados estatísticos, mas, no final, pude constatar o quanto tudo o que havíamos realizado durante o ano letivo tinha servido para fazer com que aquele grupo repensasse sua prática, fosse em seu eu interior, fosse no grupo, e até na sociedade. Além disso, as ações que realizamos foram capazes de proporcionar para os estudantes confiança no que acreditam e no que gostariam de realizar no presente e no futuro.

Sem receio de pensar o diferente e fazer diferente.

E isso impulsionou novas formas de pensar e novos destinos a partir do que estavam pensando e refletindo.

Por fim, notei que esse trabalho tomou proporções às quais eu não mensurei no início da pesquisa. Seja nos estudantes que adquiriram confiança para expor seus pensamentos e agir conforme acreditam, seja por mim, enquanto pesquisadora, artista, professora e ser humano, que tive mais clareza do trabalho que realizava e pude encontrar meus pares nas leituras, dentro da academia e nos próprios alunos. Pude constatar, teórica e praticamente o quanto a educação, a arte e a educação estética são capazes de modificar e afirmar pensamentos, destinos e vidas.

Referências

ADORNO, Theodor W., *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2016.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

BALANDIER, Georges. *A desordem*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARTHES, Roland. *Óbvio e obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, John. *Modos de Ver*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BASSO, Paola Menna Barreto. *Mídia, Imaginário de consumo e Educação*. In: *Educação & Sociedade*, ano XXII, nº 74, Abril / 2001. pp.191-207.

COUTO, Mia. Biografia. 2012. <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br>. Acesso: 06/06/2016, 20:00h

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

DIAS, Belidson, Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes. Disponível em < <http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf>. Acesso: 27 de maio de 2016.

DIAS, Belidson, IRWIN, Rita. Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia. Santa Maria. Editora UFSM, 2013.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. O sentido dos sentidos. 3.ed. Curitiba: Criar, 2004.

GALEANO, Eduardo. O Livro dos Abraços. Porto Alegre, L&PM, 2010.

GOMES, Paola. Mídia, Imaginário de Consumo e Educação. 2001. In: Educação & Sociedade. Em:<<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a11v2274.pdf>.>Acesso em 11.05.2016.

HERNANDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Catadores da Cultura Visual. Porto Alegre: Artmed, 2007.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Campinas: Papirus, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **Le Rythme de la Vie.** Paris: La Table Ronde, 2004 (a).

MAFFESOLI, Michel. **A Parte do Diabo.** Rio de Janeiro: Record, 2004 (b).

MARTINS; PICOSQUE; GUERRA. Didática do Ensino da Arte. A Língua do Mundo: Poetizar, Fruir e Conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Processos e práticas de Pesquisa em Cultura Visual & educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Educação da Cultura Visual: Conceitos e contextos. Santa Maria. Editora UFSM, 2011.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Educação da Cultura Visual: Narrativas de Ensino e pesquisa. Santa Maria. Editora UFSM, 2009.

MEIRA, Marly. Educação Estética, Arte e Cultura no Cotidiano. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). A Educação do Olhar. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MEIRA, Marly. Filosofia da Criação. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MEIRA, Mirela R. (2007) Metamorfoses Pedagógicas do Sensível e suas Possibilidades em “Oficinas de Criação Coletiva”. 157f. Tese. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MEIRA, Mirela R. (Trans)professoralidades em Ação: Metodologias Criadoras na (trans)formação Estética e Artística em Oficinas de Criação Coletiva. In: MEIRA, Mirela; SILVA, Ursula. CASTELL, Cleusa. [orgs]; Transprofessoralidades: Sobre Metodologias no Ensino das Artes. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2013 (a).

MEIRA, Mirela R. *Ordem E Desordem: Criação e Metamorfoses Ético-Estéticas na Formação Docente*. In: **PARALELO 31. Revista Eletrônica** . Programa de Pós-Graduação da UFPel. Edição 01. Dezembro de 2013 (b).

MEIRA, Marly R. Metamorfoses, Reverberações, Interfaces: Cultura Visual, Arte e Ação Educativa. In: MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice (orgs). **Cultura Visual e Ensino de Arte: concepções e Práticas em Diálogo**. Pelotas: Editora UFPel, 2014.

MEIRA, Marly R. Relato de Experiências 1: Programa de Artes Visuais. In: **Educação para Crescer. Cadernos PAARH**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação , 1992.

MEIRA, Marly. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. In:

MEIRA, Marly R.; PILOTTO, Silvia. Porto Alegre: Mediação, 2010.139p.

MEIRA, Marly. *O sentido de aprender pelos sentidos*. In: PILOTTO, Silvia; BOHN, Letícia (orgs). **Arte/Educação: ensinar e aprender no ensino básico**. Joinville: Editora Univille, 2014.

SILVA, Ursula R. **Cultura Visual, Ensino da Arte e Cotidiano: Híbridos e Paradoxos**. Goiânia v.11 n.2 p. 37-57, jul-dez 2013.

MIRZOEFF, Nicholas. **Uma Introducción a la cultura visual**. Paidós Arte y Educación, Barcelona, 2003.

MORIN, Edgar. **O Método 5: A Humanidade da Humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NOVAES, Adauto. **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

NICOLESCU, B.; BADESCU, H. Stéphanie Lupasco: **O Homem e a Obra**. São Paulo: Triom, 2001.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

PIMENTEL, Álamo. **Prefácio**. IN: FEITOSA, D.A.; DORNELES, Malvina; BERGAMASCHI, M. A. (orgs.) **O Sensível e a Sensibilidade na Pesquisa em Educação**. Bahia: ed. UFRB, 2014.

READ, Herbert. **A redenção do robô**. (Trad. Fernando Nuno). São Paulo: Summus, 1986.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que Falam**. Porto Alegre: Mediação, 2009..

Webgrafia

<http://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2015/06/teletubbies-voltam-tv-em-2016-com-telas-touchscreen-na-barriga.html>

<http://www.caic.furg.br/index.php/pt/historico/historico>

<https://www.furg.br/bin/galeria/index.php>

<http://vivaosan90.blogspot.com.br/2015/12/kinder-ovo-que-grata-surpresa.html>

<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/05>

<http://kzuka.clicrbs.com.br/geek-me/noticia/2014/09/ops>

<http://www.riograndeemfotos.fot.br/hist.html>

[http://mff.com.br/filmes/crianca-a-alma-do-negocio/.](http://mff.com.br/filmes/crianca-a-alma-do-negocio/)